

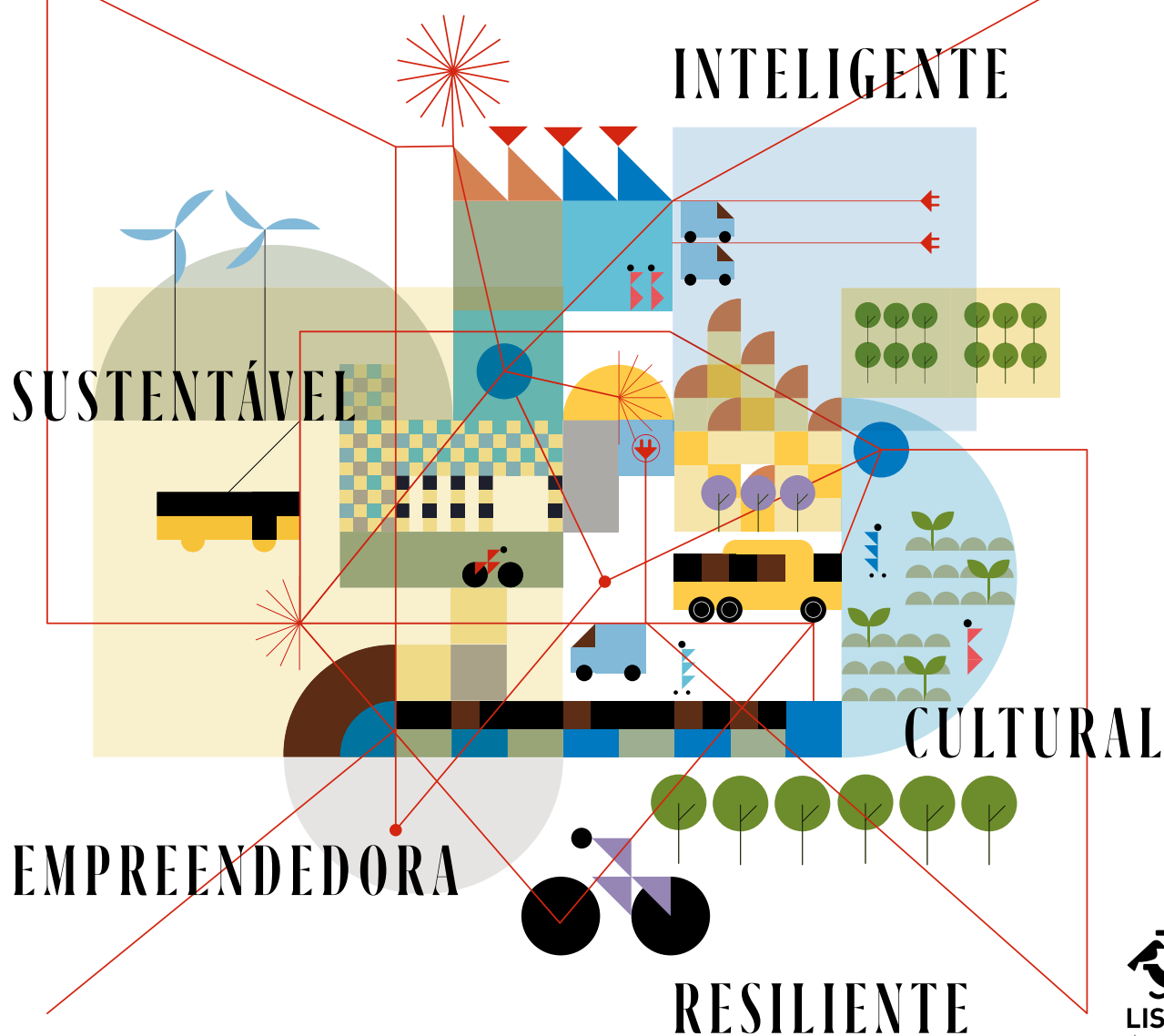
Revista
Municipal
Trimestral

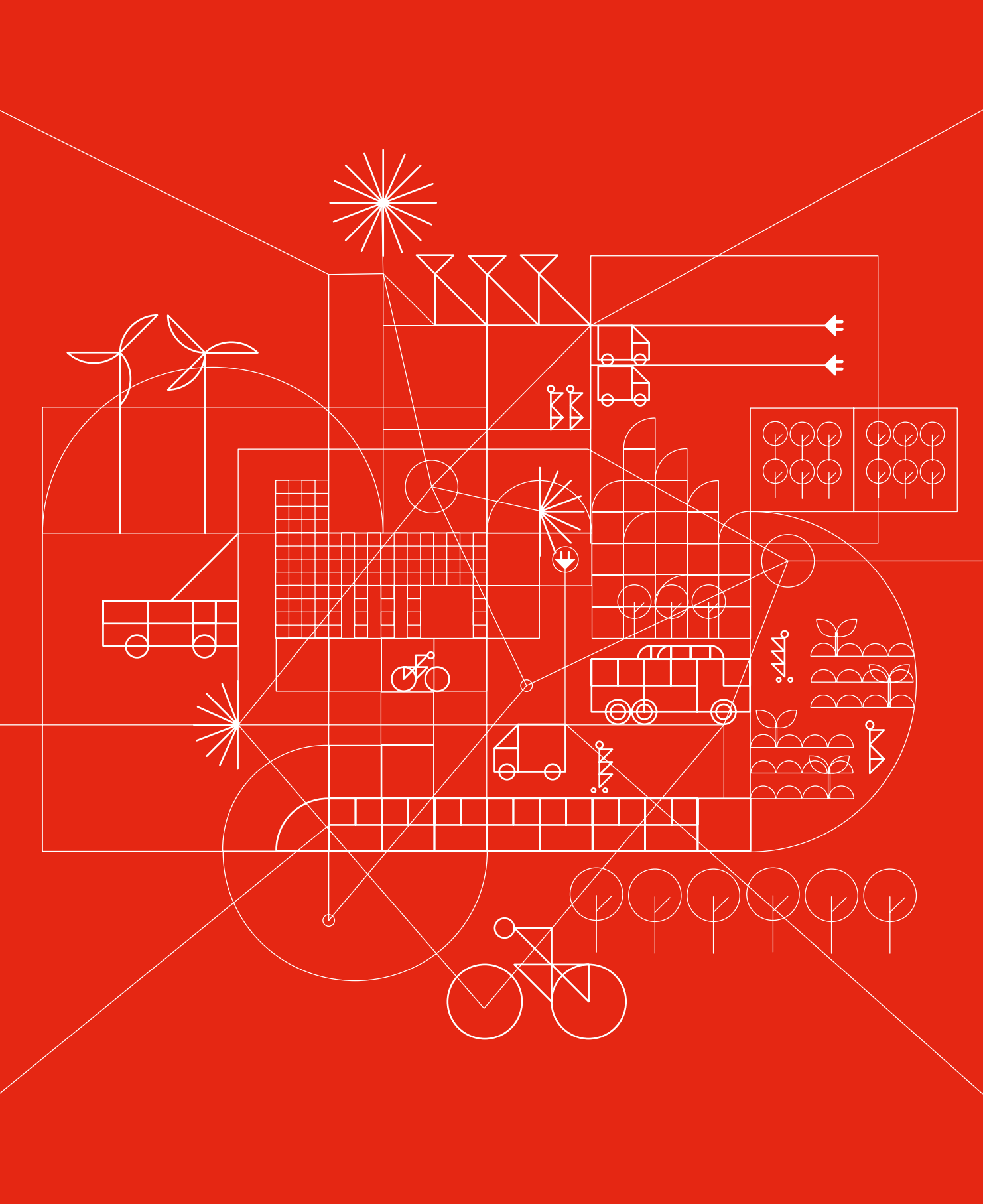
Número 35

Julho 2022

GRATUITA

Lisboa





LISBOA MARCA.

O propósito de uma revista municipal tem um desafio com a mesma grandeza da cidade: diverso, plural, simbólico, genuíno, bairrista, inovador, artístico, sustentável, tecnológico, livre, harmonioso, generoso, colorido, rigoroso, culto, aberto ao mundo. É nesta complexidade enriquecedora que as histórias se contam. No reconhecimento de que Lisboa é uma cidade singular, vivida por cada um, que inspira a liberdade.

Comunicar a cidade é torná-la verdadeiramente de todos. É um exercício que se quer ampliado, estruturalmente digital, para a garantia de modernidade, de compromisso, de abertura e transparência, que a apresente aos públicos. E que este ato de partilha aqui escrito nas próximas páginas seja verdadeiramente percecionado como uma marca genuinamente de proximidade. É assim que se querem as nossas histórias e a revista, viva ela no papel ou *online*.

Voltámos a viver a cidade em pleno. Marcada pelo reerguer das expressões culturais e artísticas. Mas também pelos desafios da guerra no pós-pandemia. Nesta edição, Lisboa voltou à rua para retomar em plenitude as Festas nas suas diversas manifestações. Uma edição povoada pelo reacender das memórias que mantêm viva a identidade e as tradições das suas gentes. É uma edição de simbiose. Entre as raízes culturais que traçam a cidade e a aceleração para o futuro. Lisboa oferece esta magia a quem a vive e sente. Cidade de caráter, de luz, que acolhe e inclui, pondo a diferença a celebrar-se junta nas ruas. Ao mesmo tempo que se veste de modernidade e se prepara para ser uma referência das melhores práticas internacionais, no caminho dos transportes públicos gratuitos ou na concretização da construção dos grandes túneis do Plano Geral de Drenagem, que prepara a cidade para o futuro e mitiga as consequências dos eventos extremos provocados pelas alterações climáticas. Uma cidade inteligente e de dados abertos, de nómadas digitais, que acolhe empreendedores, permanentemente ligada em rede. Comprometida com a sustentabilidade: das tradições e dos recursos para as gerações que chegam.

O propósito de uma revista municipal não está na revista *per si*. Mas na riqueza das histórias que conta e naquilo que expressa a atividade do município, num intento, também válido, de prestação de contas permanente. Uma comunicação que seja objetiva no propósito da marca, inequívoca na visão de longo prazo, que consubstancie um sentimento de pertença a quem reside, visita, investe, trabalha ou estuda na cidade. No fundo, a quem a descobre à sua maneira.

Engalanada vai a “Menina e Moça”, na vibração popular plena. Num encontro de história que se liga ao ímpeto da economia e da inovação: verde, de ligação ao mar, sustentável e inclusiva. Uma cidade do mundo, onde cabe o mundo todo.

A expressão de Lisboa ganha mais força ao cuidar da tradição, de olhos postos no futuro. É isto que retratamos neste número! Porque sabemos que a marca Lisboa pode já ser especial, mas queremos que seja inesquecível. Lisboa é única. Lisboa é descoberta. Lisboa marca.

E no final, Lisboa só é assim por ser de todos. ☺

Comunicar a
cidade é torná-la
verdadeiramente
de todos.

David José Monteiro

DIRETOR

Sumário

Revista Municipal Trimestral • Número 35 • Julho 2022



Regresso das Festas de Lisboa, em Carnide

UMA CIDADE INTELIGENTE COM RESPONSABILIDADE AMBIENTAL

A mobilidade em Lisboa continua a ser um desafio. Quer-se mais fluida, mais eficiente e com poucos impactos ambientais. Os transportes públicos são por isso uma prioridade. É também o ambiente e a segurança das populações que está na origem no Plano de Drenagem de Lisboa, uma das maiores obras realizadas na cidade.

Neste número, dá-se também voz a quem veio de fora e escolheu a cidade para trabalhar ou estudar, fazendo de Lisboa uma cidade cosmopolita. E preparada para o futuro: uma cidade inteligente que aposta na inovação para dinamizar a economia e melhorar a vida dos lisboetas.

Mas porque o futuro não esquece o passado, fala-se também das Festas de Lisboa, e de quão bom foi voltar às ruas para celebrar as tradições.

EDITORIAL

Lisboa Marca 1

ILUSTRAÇÃO DE CAPA : TERESA FERNANDES
FOTO DE CONTRACAPA : ANA LUÍSA ALVIM

MOBILIDADE

Passes Gratuitos	3
Pequenos Autocarros para um grande Serviço	6
150 da Carris	8

CULTURA

Centenário Parque Mayer	10
-------------------------------	----

PLANO GERAL DE DRENAGEM DE LISBOA

A obra invisível que protege Lisboa	12
---	----

ÁGUA

Água reutilizada rega jardins da cidade	18
Golfinhos à vista!	20
Oceanos Margarida Farrajota, a "senhora dos mares"	22

NOVOS LISBOETAS

Em trânsito, ou talvez não	24
Lisboa: destino de estudantes e investigadores	32

ECONOMIA E INOVAÇÃO

Novas ideias, novas empresas	34
Glossário O jargão do empreendedorismo	39

LISBOA INTELIGENTE

Mas afinal o que são cidades inteligentes?	42
--	----

FESTAS

Entrevista Roberta Medina	48
Dois anos foi muito tempo... ..	56
História Festas com História	62
Manual para pequenos alfacinhas	68

REGISTOS

Cultura, Participação, Direitos sociais, Mobilidade, Habitação, Ambiente, Inovação	73
Entrevista Erin Tranfield	78
Ficha Técnica	79
Poema Lisboa, sabes?	80



*Transportes
para o
futuro*

PASSES GRATUITOS PARA JOVENS E IDOSOS

Nas cidades do futuro,
cada vez mais próximo,
os transportes coletivos
levam-nos a toda a parte.
Em prol da qualidade de
vida e do ambiente.

TEXTO

JOSÉ MANUEL MARQUES

FOTOS

ANA LUÍSA ALVIM

CARLOS MORAIS DA SILVA

MANUEL RODRIGUES LEVITA

NUNO CORREIA



Captar as novas gerações para o transporte público e diminuir a pressão automóvel na cidade é um dos objetivos desta medida. Também os seniores estão abrangidos, para que o preço dos passes não seja pretexto para ficarem em casa.

Circular em Lisboa a custo zero vai ser possível para todos os jovens até aos 18 anos, e, se forem estudantes do ensino superior, até mais tar-



de, 23 ou 24 anos, consoante a duração dos seus cursos. Os maiores de 65 anos também beneficiam desta medida. A única condição: os utentes serem residentes em Lisboa.

Carris, Metropolitano de Lisboa, CP e Fertagus são os operadores de transportes públicos que podem ser utilizados gratuitamente dentro da cidade. É necessário ter um passe Navegante Municipal válido para esta modalidade.

Para já, esta medida vigora até 2025, e tem um custo estimado de 14,9 milhões de euros anuais (cerca de 6,3 milhões, este ano), a suportar pela autarquia. Desta forma, o município pretende também contribuir para “o financiamento e a manutenção de elevados níveis de qualidade dos serviços de transporte coletivo na cidade” e potenciar a renovação da frota de autocarros e elétricos, lê-se na proposta aprovada.

A proposta prevê ainda que o serviço especial de mobilidade reduzida da Carris, dedicado a passageiros com 60% ou mais de incapacidade declarada – realizado em regime de porta a porta – passe a estar abrangido pelo mesmo tarifário da restante rede da empresa municipal.

Entretanto, a autarquia continuará a investir no aumento da frota da Carris: até 2025 serão adquiridos 10 elétricos históricos e 350 novos autocarros.

Amarelinhos garantem transporte escolar

A criação de uma rede de miniautocarros elétricos dedicados ao transporte de alunos do ensino básico é um projeto em estudo pela autarquia e Carris – a empresa municipal que operacionalizará a medida.

Numa fase inicial, a proposta aprovada pelo executivo municipal prevê testar a medida em pelo menos dois agrupamentos escolares.

De acordo com dados de 2020, a capital tem um universo que ronda as 47 500 crianças e jovens inscritos em 112 escolas, gerando grande volume de tráfego, uma boa parte feita por veículos particulares.

A criação de uma rede de transportes escolares dedicados permitirá, por isso, uma diminuição substancial de emissões de gases e partículas poluentes, contribuindo para uma mobilidade mais sustentável.

O estudo a realizar deverá ainda “ter em conta as necessidades sociais dos territórios e dos alunos dos agrupamentos”, podendo abranger serviços complementares e a criação de circuitos especiais de transporte para a educação inclusiva (alunos com necessidades de saúde especiais). ●

PEQUENOS AUTOCARROS PARA UM GRANDE SERVIÇO

TEXT O

JOSÉ MANUEL
MARQUES

FOTOS

AMÉRICO
SIMAS

As Carreiras de Bairro criam ligações entre escolas, centros de saúde, mercados, farmácias, equipamentos de desporto ou jardins, apoiando as comunidades locais nas suas deslocações do dia a dia.

Com uma frota composta por miniautocarros, estas carreiras melhoram a oferta de transporte público entre as zonas habitacionais e os pontos fulcrais de cada bairro, complementando a rede geral de transportes. Têm também paragens junto dos interfaces de transporte e estações de metro, facilitando as deslocações mais alargadas.

Para utilizar as Carreiras de Bairro basta ser portador de título ou passe válido na rede Carris, ou obter o passe “Carreiras de Bairro”, válido por 30 dias e com um custo de 10 euros, mas que, a partir de setembro, será gratuito para jovens e idosos.

UMA REDE EM CRESCIMENTO

A rede conta já com 27 carreiras e uma frequência que rondou os 820 mil passageiros no primeiro quadrimestre deste ano. Atendendo a que em 2019 circulavam 10 carreiras e o número de utilizadores era cerca de 390 mil, o aumento da oferta e da procura é significativo.

Os autocarros da Carris 65 B, em Campo de Ourique, e 49 B, no Areeiro, são as mais recentes Carreiras de Bairro.

SUBIR TORNOU-SE FÁCIL

Demetildes Mendes (Tila) é reformada, tem 75 anos, mas ficar em casa não é para ela. Vive na Rua Maria Pia e adora passear pelo centro de Campo de Ourique, falar com amigos, ir às compras no mercado e supermercados e frequentar as atrativas lojas do bairro.

Às 8h30 já está a tomar o pequeno almoço na sua pastelaria preferida, faz as compras e volta a casa, por vezes retorna para almoçar. “Antes tinha de subir tudo e cansava-me muito, depois vinha quase sempre carregada para baixo. Isto [a carreira de bairro] foi muito importante para mim e para as minhas vizinhas”, diz-nos sorridente.

Em regra apanha o 64 B, porque passa mesmo à sua porta e é mais prático para as suas rotinas, mas já pensou em utilizar o novo [65 B], “se precisar”.



Demetildes Mendes (Tila)
 “Passa mesmo à minha porta, dá-me muito jeito e às vizinhas também. Utilizo quase diariamente, às vezes mais do que uma vez por dia.”



Darsana Ameetkumar
 “A minha filha tem onze anos e estuda na Luís de Camões. Vejo-a entrar no autocarro e sei que da paragem à escola é um minuto a pé, assim tenho menos preocupações.”



Relata que “até tem bastante gente”, pessoas idosas mas também crianças que vão para a escola. É pequenino mas também funcional, confortável e limpo, “às vezes até tem música e é sempre certinho no horário”.

“E os motoristas são muito simpáticos”, continua, fazendo questão de identificar um deles, Pedro Coelho, que já conhece pelo nome. É ele que assegura com regularidade aquela carreira e “espera que os passageiros entrem e saiam; as pessoas conhecem-se quase todas, há uma relação muito bonita.”

“Costumo dizer que é o meu Uber”, remata.

PARA TODA A FAMÍLIA

Darsana Ameetkumar vive com o marido, dois filhos e o sogro na zona do Casal Vistoso, freguesia do Areeiro. Faz comida em casa para escritórios e a nova carreira 49 B veio mesmo a calhar.

“A paragem é mesmo à minha porta, agora já não preciso de andar muito para apanhar o metro”, transporte que utiliza com frequência para ir fazer compras

na zona da Praça do Chile, onde existem muitas lojas de produtos indianos. Para além disso, conta, “no regresso custa muito menos carregar os sacos.”

O marido também utiliza a carreira para ir trabalhar, tal como o filho mais velho, que estuda em Alvalade no 12.º ano.

Mas é na utilização que faz a caçula da família, a filha Hani, que Darsana encontra mais vantagens. Tem onze anos e estuda na Luís de Camões. “Vejo-a entrar no autocarro e sei que da paragem à escola é um minuto a pé. Assim tenho menos preocupações, hoje em dia é preciso muito cuidado.”

E também o ancião da família, o sogro, com 82 anos, “ficou muito contente, porque pode sair e voltar dos seus passeios mais facilmente.”

Conforto e simpatia dos motoristas, que até “dão conselhos e ajudam as pessoas de idade”, são atributos que Darsana elogia. A família toda está rendida ao pequeno amarelo da Carris que agora faz parte do seu quotidiano. ●

História

A Carris nasceu há 150 anos. Desde os antigos carros movidos pela força de cavalos, até aos modernos autocarros movidos a eletricidade e acesso *wifi*, foram muitos os desafios e as dores de crescimento para acompanhar a vida de uma cidade cada vez mais exigente em termos de mobilidade.

A Companhia Carris de Ferro de Lisboa foi criada em 1872, por escritura pública no Rio de Janeiro, começando a operar em Lisboa no ano seguinte com os carros “americanos”, de tração animal. Estes carros podiam transportar mais de uma dúzia de passageiros, e as suas rodas trilhavam sobre carris de ferro inseridos na calçada de modo a evitar o atrito.

A nova companhia acabou por bater a concorrência de outras empresas que utilizavam o mesmo tipo de transporte (a Irmãos Cordeiro, fundada em 1870, e, a *posteriori*, a Lusitânia, de 1896), deixando também pelo caminho as carroças e *char-à-bancs*, mais baratos, mas mais incómodos (como os “Chora”, da empresa Eduardo Jorge, que circulou entre 1887 e 1917), ou o futurista comboio urbano a vapor sobre monocarril (o “Larmanjat”, 1870-77).

Em 1874, a Carris iniciou a construção da Estação de Santo Amaro, para acomodar cavalariças, cocheiras, celeiros e oficinas. Detinha, então, quase 30 quilómetros de linhas de carril, 54 carros e 421 cabeças de gado. Em 1882, seria construída outra estação terminal, no Arco do Cego.

Saem os animais, entram os motores

A Carris torna-se a maior empresa de transportes urbanos de Lisboa no início do século XX, quando uniformiza a bitola dos carris e procede à instalação de uma rede elétrica para a motorização dos seus veículos. Em 1906, entre carros “americanos” e elétricos, a companhia já explorava 14 linhas, incluindo as que serviam zonas industriais periféricas (os “carros operários”) e as do centro histórico (os carros “das colinas”). Estes últimos viriam a substituir alguns elevadores, entretanto desaparecidos, já que a empresa absorveu, em 1926, a exploração dos elevadores sobre carris, de propulsão a vapor ou hidrostática, instalados entre 1884 e 1902, como os do Lavra, da Glória, da Estrela (o “machibombo”), da Graça e da Bica – além dos elevadores de ascensão vertical por cablagem, como os da Biblioteca e o de Santa Justa.

A partir da década de 1940, a companhia apostou fortemente no alargamento da frota de autocarros a combustão (os seus veículos automóveis para transporte de passageiros existiam há duas décadas, mas com carácter excecional ou experimental). A primeira carreira regular (usando autocarros adquiridos em 1940) foi inaugurada em 1944, criando-se depois diversas carreiras circulares ou a ligar o centro aos novos bairros periféricos, para onde se tornava caro estender a rede de elétricos. A Estação das Amoreiras, criada em 1937, serviu, uma década depois, para acolher autocarros. É também em 1947 que surgiram os autocarros de dois pisos, de inspiração londrina, que ainda estão na memória de muitos lisboetas.

A década de 1990 ficou marcada pela introdução de novos modelos de autocarros de dimensão mais reduzida, aptos para circular nas zonas históricas, e também dos elétricos articulados – incluindo a aposta na renovação dos elétricos tradicionais.

A história da empresa prosseguiu e, em 2017, deu-se uma nova mudança estrutural: a titularidade da Carris foi transferida para a Câmara Municipal de Lisboa que, a partir do ano seguinte, iniciou a renovação da frota de autocarros com modelos ambientalmente mais sustentáveis (elétricos ou a gás natural). 🌱





**Inauguração da carreira
Bairro Padre Cruz -
Restauradores**

Armando Serôdio, 1963
AML - FOTOGRÁFICO

150 Anos de Carris

TEXTO LUÍS MANUEL CARNEIRO

O MAIS APLAUDIDO NUMERO DA REVISTA "LUA NOVA" NO THEATRO MARIA VICTORIA

Lua Nova

FOX-TROT

PARA PIANO



SASSETTI & Cª EDITORES 56 RUA DO CARMO LISBOA.



PARQUE MAYER COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO PORQUE A CIDADE NÃO ESQUECE

A cidade não esquece o Parque Mayer, um reduto de boémia, liberdade e criação, em épocas opressivas e de “bons costumes”; um espaço para onde convergiam personagens ilustres e povo anónimo, vindo dos vários pontos da capital ou transportado em excursões, atraídos pelo maior centro de espetáculos do país. A cidade não esquece o quanto o Parque Mayer contribuiu para a vida artística e cultural de Lisboa; nele se formaram e afirmaram os nomes maiores do teatro de variedades e não só, também do cinema e do teatro “sério”, e muitos dos grandes intérpretes da música nacional. Primeiro foi o teatro Maria Vitória, em 1922; depois o Variedades, em 1936; o Capitólio, no mesmo ano; e o Novo Teatro ABC, já em 1956. Mas não era só o que se passava dentro dos teatros que fazia a vida deste recinto: um lugar de vida intensa, de amores e desamores, de alegrias e tristezas, onde havia tasquinhas, restaurantes, barracas de tirinhos e atrações de feira, e até combates de boxe.

Neste mês de julho passa um século desde a abertura do Parque Mayer, mais concretamente desde a abertura do seu primeiro teatro. E porque a cidade não esquece, a Câmara Municipal de Lisboa, a EGEAC (Empresa Municipal de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural) e a Freguesia de Santo António convidam os lisboetas para acorrerem de novo ao recinto, onde, durante todo o mês, sessões de cinema documental, exposições, concertos (do fado ao jazz), animação de rua, e tertúlias com quem viveu o “espírito” do Parque, trarão ao lugar memórias, mas também os ares dos novos tempos. **SP ●**

Consulte a programação em: <https://www.lisboa.pt/agenda/o-que-fazer/lisboa-celebra-o-centenario-do-parque-mayer>

PLANO DE DRENAGEM

A obra Invisível que Protege a Cidade

TEXTO LUÍS MIGUEL CARNEIRO

O Plano Geral de Drenagem prepara a cidade para enfrentar chuvas intensas, na sequência das alterações climáticas, e é uma das maiores obras de sempre em Lisboa.

O conjunto das obras necessárias para “controlar” as águas pluviais e reduzir os riscos de cheias e inundações, bem como os seus impactos sociais e ambientais, irá ascender a 250 milhões de euros, ao longo de 15 anos. Metade desse valor é financiado pelo Banco Europeu de Investimento. A magnitude do projeto e os montantes envolvidos colocam o Plano Geral de Drenagem na história das grandes construções na cidade, como o Aqueduto das Águas Livres, a reconstrução pombalina, a construção da Ponte 25 de Abril, o Plano Especial de Realojamento ou a Expo 98. O contrato foi assinado em abril de 2021, estando atualmente em preparação a consignação da empreitada no valor de 132,9 milhões de euros.

O Plano Geral de Drenagem de Lisboa é uma solução integrada de escoamento, retenção, condução e controlo das águas pluviais através do transvase de bacias hidrográficas, para a mitigação dos efeitos das alterações climáticas, como sejam chuvas torrenciais após secas prolongadas. Ao longo dos tempos, Lisboa tem padecido com inundações, sobretudo nas zonas de leito de cheias, na Baixa e, em horas de preia-mar, nas zonas ribeirinhas (como Alcântara / Santos e Campo das Cebolas). Tal solução integrada permitirá ainda a reutilização de águas para lavagem de ruas, regas e combate de incêndios,

diminuindo os custos com água potável – um bem cada vez mais precioso.

Debaixo dos nossos pés

Os aspetos mais monumentais (mas praticamente invisíveis) deste Plano de Drenagem acontecem no subsolo, debaixo dos nossos pés: a construção de dois túneis com um diâmetro semelhante ao dos túneis do Metro, a grande profundidade na maior parte do percurso, atingindo os 70 metros; e a construção de bacias de amortecimento e retenção das águas, bem como de trincheiras drenantes.

Um dos túneis vai de Monsanto a Santa Apolónia (4,6 km) e demorará cerca de um ano a escavar, o outro liga Chelas ao Beato (1,6 km) e será executado em cerca de quatro meses. Irão, no futuro, receber as águas provenientes da captação na origem e em vários pontos da rede de escoamento, conduzindo-as até ao rio.

O início das obras de escavação pela máquina tuneladora, com a colocação dos anéis e respetivas aduelas, está previsto para o final do ano. A conclusão dos dois túneis acontecerá, segundo o plano, em inícios de 2025.

Até agora, e desde 2018, já foram executados 8,4 milhões de euros em obras incluídas neste Plano, nomeadamente: a construção das bacias de retenção da Ameixoeira, Alto da Ajuda e Parque Eduardo VII; a construção de um microtúnel; e a instalação de cinco descarregadores no Parque das Nações e avenida Infante D. Henrique. Além dos grandes túneis, faltam ainda as bacias de retenção / infiltração em parques e jardins da cidade (como Parque Oeste, Campo Grande, Quinta da Granja, Vale Fundão e Chelas), bem como diversas obras na rede de saneamento.

Esta solução permite conduzir as águas em excesso até ao rio Tejo, através de sistemas de separação e controlo de caudais, passando pela bacia antipoluição subterrânea, que armazena as primeiras águas para tratamento na “fábrica de água” (ETAR), antes de serem descarregadas no rio ou reutilizadas em lavagens, regas ou combate a incêndios. Este projeto implica ainda o reforço ou reabilitação de 11% da rede concetual (de grandes dimensões) de saneamento (esgotos domésticos e águas pluviais) e a instalação de um sistema de monitorização e alerta. ●

A Tuneladora

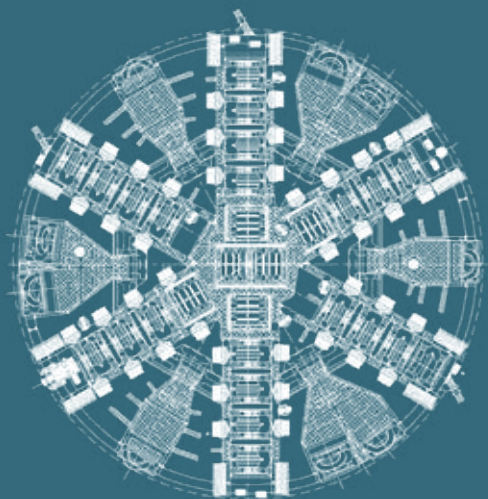
COM TECNOLOGIA DE PONTA, BATIZADA DE H₂OLISBOA

A inspiração para o nome de batismo nasce de três referências:

- “H₂O”, composição química da água;
- “Oli”, de Olissipo, é um nome breve e simples; uma referência à história e às origens da cidade atual;
- “O”, representação gráfica da abertura do túnel e da forma cilíndrica da tuneladora.

130

metros de comprimento



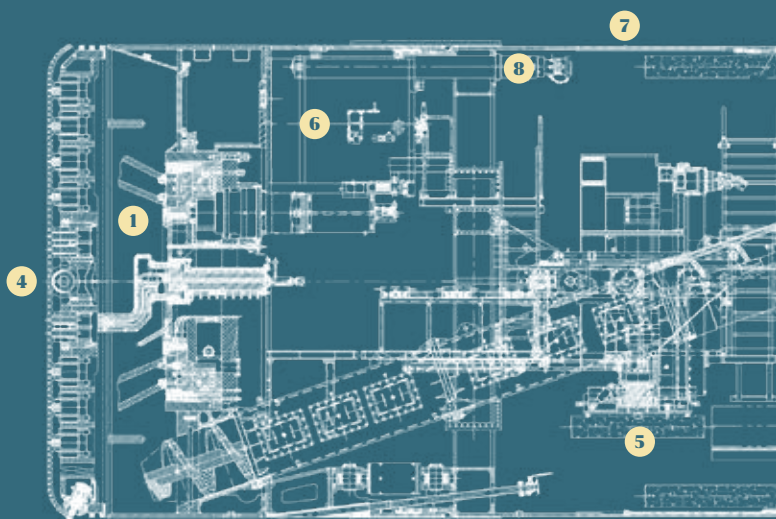
Cabeça de corte

6,4

metros de diâmetro

70

toneladas



LEGENDA

- 1 - Câmara dos produtos de escavação
- 2 - Parafuso transportador dos produtos de escavação (parafuso sem fim ou parafuso de arquimedes)
- 3 - Transportador de aduelas
- 4 - Cabeça de corte
- 5 - Eretor de aduelas
- 6 - Câmara hiperbárica
- 7 - Escudo de teto
- 8 - Macacos hidráulicos

Números

10

*metros de
avanço médio
diário*

1

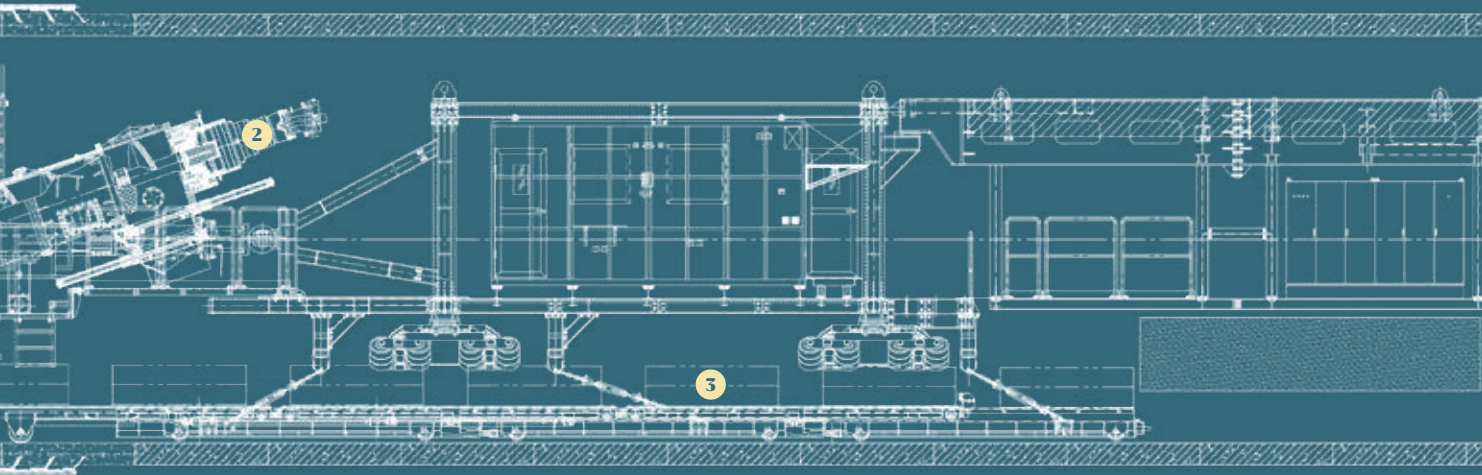
*ano a escavar
o túnel mais
longo (4,6 km)*

4

*meses a escavar
o túnel mais
pequeno (1,6 km)*

2

*túneis de
drenagens
a construir*



Trá Colocar

3.300

anéis

19.000

*aduelas (cada anel
com 6 aduelas)*

24

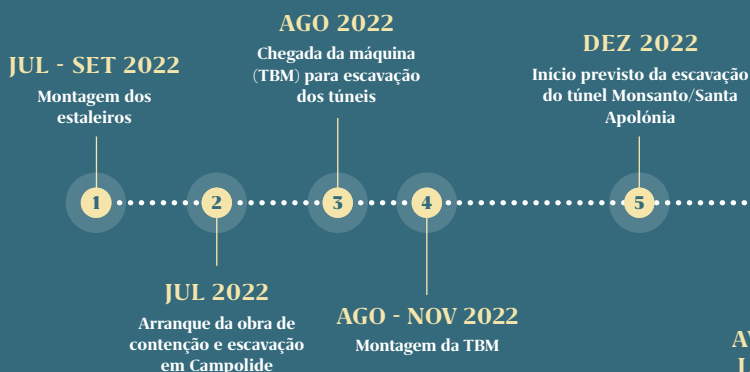
*toneladas
cada anel*

Onde está

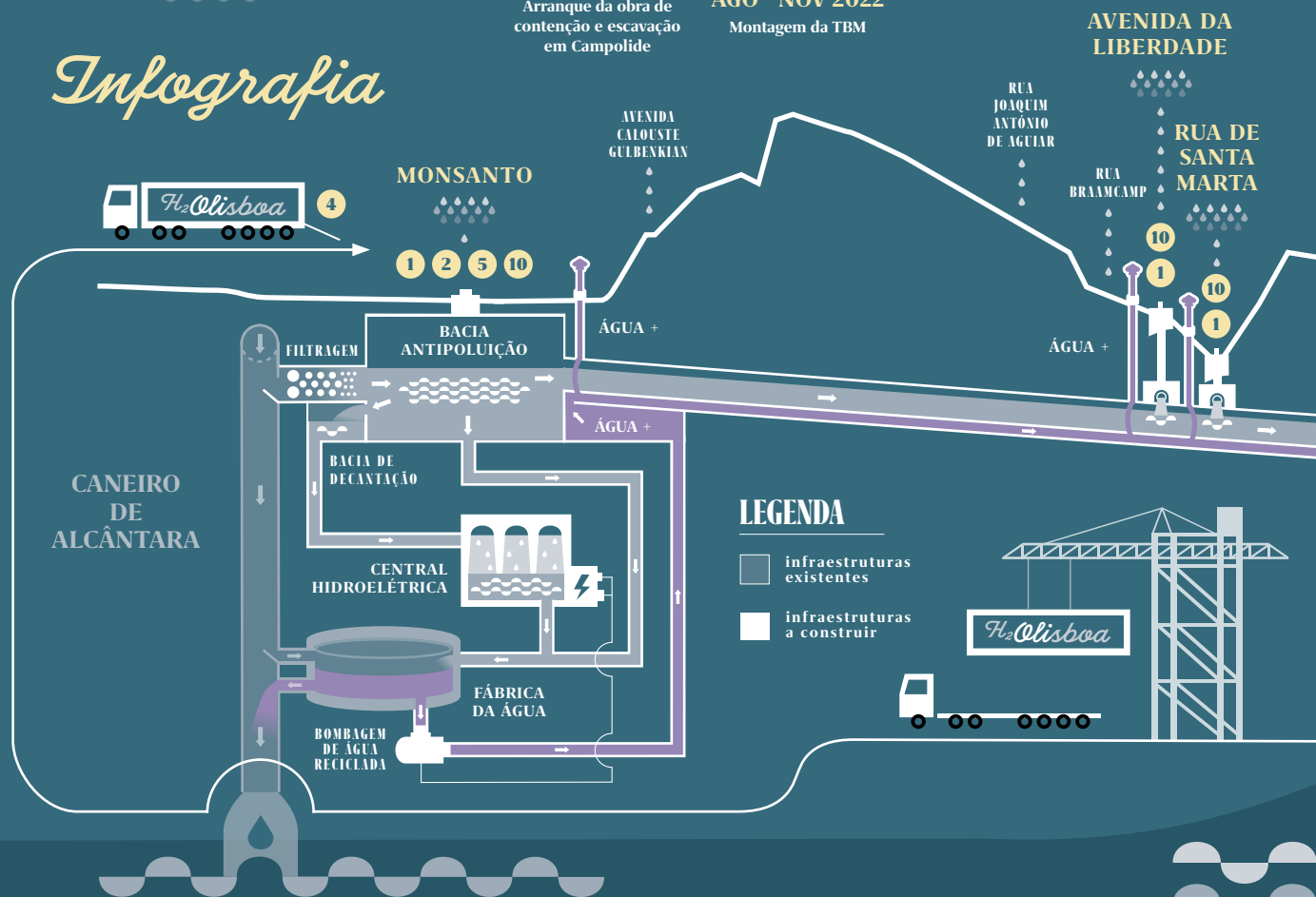
Grandes Obras

PLANO GERAL DE DRENAGEM DE LISBOA

Cronologia da Obra



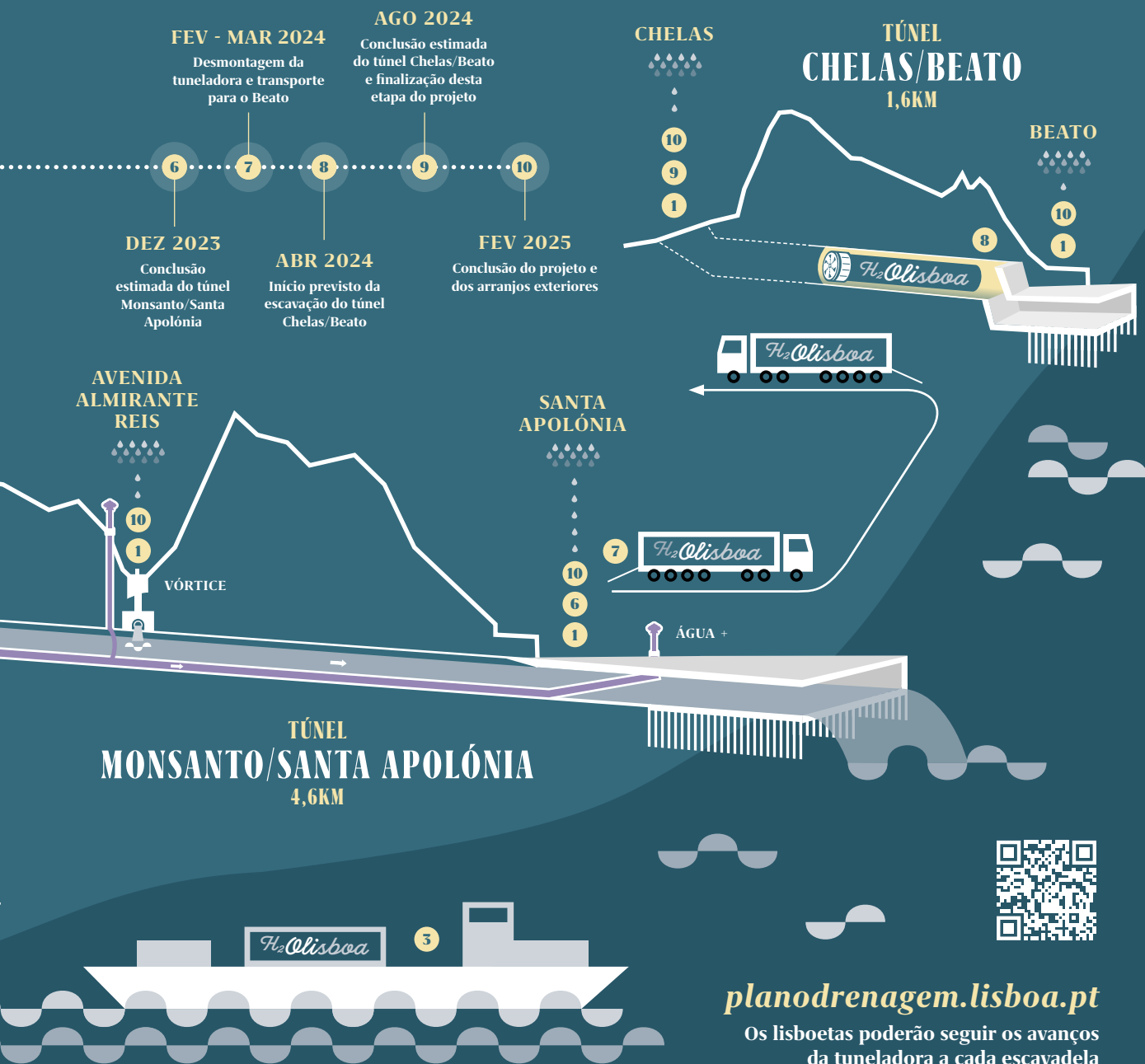
Infografia



INFOGRAFIA JOÃO FERREIRA

FONTE EQUIPA DE PROJETO PARA O PLANO
GERAL DE DRENAGEM DE LISBOA

Á a Oli?



ÁGUA REUTILIZADA REGA JARDINS DA CIDADE

TEXTO JOSÉ MANUEL MARQUES

A escassez de água, em resultado das alterações climáticas, torna necessário diversificar as origens de captação da água e a sua adequação ao uso pretendido. A utilização de água potável para rega ou lavagem de ruas representa por isso um desperdício que o município quer evitar. O projeto “Parques e jardins de Lisboa: o mesmo verde, a água é outra” (lançado simbolicamente no Dia Mundial da Água) vem acrescentar eficiência à gestão deste recurso, e resulta de uma parceria entre a autarquia e a empresa Águas do Tejo Atlântico.

Beirolas foi, de certa forma, o “pontapé de saída” para a criação de uma rede dedicada e mais abrangente de água reutilizada em toda a cidade, a Água+, que no futuro incluirá as fábricas de água de Chelas e de Alcântara, ou seja, todas as estações de tratamento de águas que servem o concelho.

Um produto seguro

A reutilização da água constitui uma opção sustentável em alternativa à água potável, que percorre 100 quilómetros até chegar a Lisboa.

A Água+ não se destina ao consumo humano, mas é segura e de grande qualidade. Só é disponibilizada para a rega após um exigente processo de tratamento e controlo, com todas as garantias de segurança ambiental e de saúde pública.

Uma parte da água tratada nas fábricas de água é devolvida ao rio, sem efeitos poluentes. A que se destina à rega passa ainda por um novo processo de ultrafiltração e desinfecção.

A rega é feita em período noturno e as áreas são sempre sinalizadas. Há também nove estações de monitorização dispersas pelos espaços verdes onde se utiliza esta água, que avaliam em contínuo a sua qualidade. Os resultados são disponibilizados *online*, na plataforma de dados abertos Lisboa Aberta (ver página 46).

O tratamento de águas residuais permite ainda a produção de energia renovável, térmica e elétrica, e também a extração de lamas com grande potencial para a agricultura.

Além da rega, esta água pode ser usada em lavagem de ruas, contentores e viaturas, o que tem sido feito em experiências-piloto nalgumas zonas da cidade, como no Campo das Cebolas / Cais do Sodré ou em Alcântara.

A Fábrica de Água de Beirolas é a primeira estação de tratamento de águas residuais do país licenciada para produzir água destinada a ser reutilizada. É com essa água que se rega o Parque Tejo e jardins no Parque das Nações.



ILUSTRAÇÃO DE TERESA FERNANDES



Números

55 milhões m³

Consumo anual de água potável em Lisboa.

3,9 milhões m³

Consumo anual de água potável da autarquia (7% do consumo total da cidade).

> 75%

Percentagem de gastos de água da autarquia em consumos não potáveis (lavagem de ruas e contentores, rega de jardins, parques, viaturas e outros).

295 mil m²

Área verde no Parque das Nações Norte regada com água reutilizada, que equivale a 27 estádios de futebol e corresponde a um volume de rega anual de 300 mil metros cúbicos.

55 Km

Extensão total da rede geral Água + (reciclada) em toda a cidade, que contará com 16 novos sistemas elevatórios e 12 reservatórios.

3 milhões m³

Poupança estimada de água potável pelo município (cerca de 75% do consumo atual).

*Para mais informações:
lisboa.pt/cidade/ambiente/qualidade-ambiental/agua*



TEXTO
SARA INÁCIO

FOTO
CARLOS MORAIS
DA SILVA

Rita Sá, Ana Henriques e Ana Rita Luís, a "vigiar" golfinhos. Em 29 dias de observação, com 200 horas de scans contínuos e 19 voluntários envolvidos, registaram-se duas espécies: golfinhos comuns e golfinhos-roazes, deslocando-se em pequenos grupos, com as respetivas crias.

Rio Tejo

Golfinhos à vista!

Cada vez há mais relatos de avistamentos de golfinhos no Tejo.

Vêm procurar comida? Quantos são? Para onde vão?

O Observatório Golfinhos no Tejo arrancou em março e pretende dar respostas a estas e outras questões.

Dedicado ao estudo dos golfinhos que visitam o estuário do Tejo, o Observatório funciona no oitavo piso da Torre do Centro de Coordenação e Controlo de Tráfego Marítimo e Segurança do Porto de Lisboa. Aqui, vários voluntários fazem turnos de quatro horas, revezando-se de cinco em cinco minutos, para registar a passagem dos simpáticos cetáceos, através de binóculos e de um telescópio instalado na varanda da Torre.

O Observatório é o ponto de convergência entre a iniciativa “Golfinhos no Tejo”, da ANP/WWF (Associação Natureza de Portugal e World Wide Fund for Nature) e o projeto de investigação CETASEE Tejo, do MARE (Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, que agrega seis universidades).

“Trabalho cansativo, muitas horas em pé, ao calor, ao frio, mas muito gratificante!”, assumem Ana Rita Luís, investigadora da MARE-ISPA (Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida) e Rita Sá, coordenadora do programa Oceanos e Pescas da ANP/WWF Portugal.

A iniciativa “Golfinhos no Tejo”, arrancou com o financiamento da Fundação Oceano Azul a que se juntaram outros parceiros. Quanto ao projeto CETASEE Tejo, assume-se como um estudo científico pioneiro que além das observações a partir de terra, inclui censos visuais sazonais, a partir de barco, e, ainda, uma componente de acústica integrada na infraestrutura CoastNet (sensor subaquático que regista os sons do estuário), da responsabilidade do MARE-FCUL (Faculdade de Ciências das Universidade de Lisboa).

Os dados recolhidos contribuem para um melhor conhecimento dos ritmos, causas e efeitos das visitas dos golfinhos e irão apoiar, com informação rigorosa, o desenvolvimento de trabalhos de investigação sobre a vida estuarina. Além disso, esta iniciativa procura sensibilizar os cidadãos para a necessidade de conservação das espécies e chamar a atenção para a riqueza do património natural que é o Tejo. 🐬

Biografia

A SENHORA DOS MARES



Aos nove anos de idade o pai ofereceu-lhe o seu primeiro equipamento de mergulho. Juntos iniciaram uma viagem ao fundo do mar, que, para Margarida Farrajota, está longe de acabar. Há quem lhe chame a Senhora dos Mares.

TEXTO
SARA INÁCIO

FOTO
CARLOS MORAIS DA SILVA



NASCEU EM LISBOA, MAS FOI NO ALGARVE, onde cresceu, que se apaixonou pelas profundezas dos oceanos.

Margarida Mendes Pinto Farrajota, economista de formação, foi das primeiras mulheres a tirar o curso de mergulho em Portugal. Hoje é presidente do Centro Português de Atividades Subaquáticas (CPAS), instituição que desde a década de 1950 inspira os portugueses a mergulhar, a proteger os mares e o seu património.

Foi em Belém, nas instalações desta instituição, que dirige há 30 anos, que nos encontramos com Margarida Farrajota. Excelente comunicadora, de fala fácil e divertida, não esqueceu o sotaque algarvio, e conta-nos como começou a sua paixão pelo mundo subaquático, os tesouros que ele esconde e as histórias intermináveis que viveu.

À nossa volta respira-se história. Neste espaço funciona também o Museu Municipal da Vida Subaquática (núcleos de Arqueologia Subaquática, Biologia Marinha e Equipamento de Imersão), cuja origem se deve não só à doação de várias coleções pelos sócios, mas, sobretudo, aos acervos das muitas missões efetuadas às ex-colónias pelo CPAS, ao longo de mais de seis décadas. O espólio, oferecido à autarquia em 1969, teve como contrapartida a cedência do edifício onde se sedia o Centro Português de Atividades Subaquáticas, fiel depositário dessas coleções museológicas.

“O tubarão e o peixe-piloto”

A paixão de Margarida pelo mergulho surgiu cedo, para o que muito contribuiu ter crescido numa casa frente ao mar. “Sendo o meu pai muito alto e eu muito miúda, quando nos equipávamos e subíamos para o barco, preparados para o mergulho, as pessoas na praia comentavam: Parece o tubarão e o peixe-piloto!”, recorda com saudade.

Sustos, foram alguns. Diz que já “nasceu duas vezes”. Uma foi quando não embarcou no navio Bolama, como estava previsto, para ir fazer um levantamento fotográfico: o navio acabou naufragado com todos os que nele seguiam. A outra vez foi num mergulho em Cabo Verde: distraído-se no fundo do mar, quando voltou à superfície era noite cerrada, sem lua e sem referências, tornava-se difícil saber de que lado estava a ilha: ali permaneceu à superfície por cerca de duas horas, pensando se resistiria até ao amanhecer, sem ter de largar o equipamento ou perder a calma, até que, vislumbrando a luz de uma lanterna, nadou nessa direção com tal vigor que, diz: “devo ter batido o

recorde de natação com garrafas de mergulho, já que fiquei em seco na praia com elas às costas!”.

Mergulhar em todas as partes do mundo, e com Cousteau

“São tantas as histórias que poderia contar... prefiro antes falar dos locais que mais me impressionaram como mergulhadora: os Ilhéus das Formigas ao largo dos Açores, onde se pode sentir o abismo debaixo da água, tal a sua *infinita transparência*, como afirmava Jacques-Yves Cousteau, [com cuja equipa mergulhou]; a Grande Barreira de Recife da Austrália, cuja biodiversidade foi filmada pelo cineasta italiano Victor de Sanctis, que também acompanhei; os naufrágios no Mar Vermelho do Umbria (carregado de explosivos) e do Blue Belt (cheio de viaturas), ou, ainda, o projeto Précontinente I, de Cousteau, ao largo do Sudão – se existe no Oceano um paraíso subaquático, então é ali que ele se situa!”

“O último mergulho... costumo dizer: é dos 9 aos 90!”

Aqui bem mais perto, no Tejo, “embora as suas águas não sejam propícias para o mergulho”, Margarida participou, na década de 1980, numa operação subaquática a uma embarcação naufragada (na zona onde ia ser construído o cais da Silopor). Dessa nau foram retiradas dezenas de cavilhas em cobre e peles de antilope, achados que se encontram agora guardados no CPAS.

Margarida Farrajota gostaria de ver a “sua” instituição mais apoiada, “com um espaço condigno para albergar um espólio tão vasto e valioso.” O Centro Português de Atividades Subaquáticas, proposta museológica única na Europa, permite relacionar a evolução das técnicas de mergulho com as descobertas em arqueologia subaquática e biologia marinha.

Quando em Lisboa se discutiu o futuro dos oceanos, na conferência mundial das Nações Unidas (final de junho), “nunca será demais relembrar a importância da defesa do património dos oceanos, transformados hoje nos ‘ecopontos amarelos’ da Humanidade”. ●

Para saber mais:

cpas.pt/cpas-centro-portugues-de-atividades-subaquaticas/museu/

Novos Lisboaetas

STEPHAN
O'REGAN
& RITA
ANSONE

EM

TRÂNSITO

OU

RÉMY
GENET

TALVEZ

KRISTY
EVANS

NÃO

FOTOS ANA SOFIA SERRA E CARLOS MORAIS DA SILVA
TEXTO PAULA CEREJEIRO

Da Europa, dos Estados Unidos e de todos os pontos do mundo, chega a Lisboa uma população qualificada atraída pelo clima ameno, baixo custo de vida relativo, segurança e gastronomia. Uns estão em trânsito, os chamados nômadas digitais. Outros estabeleceram-se com trabalho e projetos próprios que só fazem sentido nesta cidade.

Os dados provisórios publicados pelo Instituto Nacional de Estatística, resultantes dos censos de 2021, revelam que Portugal aumentou 40% a sua população estrangeira, por comparação com os censos de 2011. Dos 109 mil títulos de residência concedidos pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, mais de 27 mil foram para cidadãos da União Europeia. Continuam, no entanto, a liderar os cidadãos oriundos do Brasil, seguidos dos cidadãos dos Países Africanos e Língua Oficial Portuguesa (PALOP), da Índia e do Nepal. Do espaço comunitário europeu, estão na linha da frente os italianos. Depois vêm os franceses, os alemães e, ainda da Europa, os britânicos. Os motivos mais relevantes para atribuição de novas autorizações de residência foram o reagrupamento familiar, o exercício de uma atividade profissional e o estudo. Mais de dois terços residem no distrito de Lisboa.

Um reconhecido guia turístico, dedicou um número a Lisboa, em janeiro último, com dicas de integração para estes trabalhadores flutuantes, e realça o grupo Lisbon Digital Nomads, com 19 mil seguidores no Facebook. São, na sua maioria, jovens, com algum poder de compra e sem compromissos familiares.

Com as suas histórias de vida, razões e projetos pessoais, estes entrevistados ilustram estas tendências. E a nenhum deles foram indiferentes as circunstâncias de uma pandemia.

Stephen deixou Nova Iorque ao fim de oito anos a viver naquela cidade. Era o início do verão de 2020 e, enquanto o mundo enfrentava a segunda vaga de covid, “o único país na Europa que estava aberto era Portugal”, diz Stephen. Primeiro passou por Dublin, onde nasceu. A Lisboa, chegou em junho, para se instalar num hostel, na Rua de São Nicolau, durante duas semanas. “Quando a minha mãe me ligou, a perguntar que tal estava a pandemia por aqui”, respondi que estava numa esplanada no último andar de um prédio e que tinha acabado de sair da praia.”

Stephen confessa que nunca teve um emprego a sério, no sentido convencional. “Só por diversão”, começou a filmar todos os dias uma banda de música a tocar na varanda do seu apartamento em Dame Street, em Dublin. E assim nasceu, em 2006, o Balcony TV, um canal web de música cujo sucesso não se fez esperar. Stephen foi então contactado para levar o projeto a outras cidades. Em Nova Iorque, em resposta ao desafio da Sony que se interessou pelo programa e o comprou, Stephen viu o seu trabalho profanado, e, “com grande desprazer correm comigo. *I'm the guy, you know?*” [O tipo dos vídeos sou eu, sabem?] Resolveu partir, sem destino, e acabou por visitar 100 cidades de todo o mundo. Regressou a Nova Iorque para mais um projeto de vídeo sobre os adeptos do futebol americano. E eis

“Quando a minha mãe ligou [durante a pandemia], disse-lhe que estava numa esplanada no último andar de um prédio e que tinha acabado de sair da praia.”

STEPHEN O'REGAN

NOMADISMO DIGITAL



UMA FORMA DE VIVER E TRABALHAR

O nomadismo digital já era um fenómeno crescente, sobretudo nos Estados Unidos da América com o conceito *work from anywhere* (WFA): trabalhe a partir de qualquer lugar.

Uma abordagem flexível de trabalho, em que uma empresa ou uma organização habilita

os seus funcionários a trabalhar de forma produtiva e autónoma em qualquer lugar.

A Internet e o desenvolvimento das empresas globais são dois dos fatores que estimularam estes trabalhadores a desviarem-se do modelo tradicional de trabalho.

Com a pandemia, o mundo empresarial não poderia estagnar, e viu no confinamento uma oportunidade de contratar funcionários qualificados em vários locais do mundo, para trabalhar a partir de casa, ou WFA. 📍

“Não tinha qualquer intenção de ficar por cá a viver.”

RITA ANSONE

vou fazer?! O que é que eu vou fazer?!” Trabalhar em vídeo, porém, estava no seu ADN, era uma evidência.... Então, porque não filmar as pessoas que vivem em Lisboa? Para acompanhar as filmagens, precisava de fotografia. Lembrou-se de *postar* uma mensagem no Facebook, e a resposta, que não tardou, veio de Rita Anson, uma letã formada em fotografia. Riem-se desse momento quando recordam o encontro no Jardim do Torel. Foi o primeiro vídeo do People of Lisbon, com Rita a tirar fotografias enquanto Stephen a filmava. O ponto de partida de um projeto feito com quase 100% de trabalho voluntário e que, para se sustentar, precisa de patrocinadores. Mesmo a sério, começaram uma semana depois deste feliz encontro e, desde então, todas as quintas-feiras, estreia um minidocumentário sobre alguém que vive em Lisboa. São pessoas com diferentes ocupações e diferentes nacionalidades. Cerca de 30% são portugueses, muitos franceses, belgas e britânicos. “Gostaria de incluir mais portugueses no projeto”, acrescenta Stephen. Já fizeram mais de 70 filmes.

Quando fala do futuro, Stephen responde que é muito teimoso. Gostaria de continuar a fazer este trabalho, mas que fosse financiado. Seria uma grande ideia fazer uma série de vídeos com pessoas a trabalhar, como maquinistas, motoristas de autocarro, varredores de rua, etc. O melhor público-alvo dos vídeos são as pessoas que visitam Lisboa e também as que vêm para cá viver. “Por isso quero continuar a fazer isto”, salienta. Rita concorda. Gostaria de fazer exclusivamente o

que tudo se esboroa graças a um vírus que dá pelo nome de Corona.

Nas duas primeiras semanas que passou em Lisboa, nesses tempos de grande incerteza, Stephen sublinha que estava sem ideias. “O que é que eu

People of Lisbon, pelo prazer que lhe dá. “Gostávamos de só fazer isto, mas temos de fazer outras coisas, enfim, tudo o que aparece, para sobreviver.” Ambos colaboram na *Mensagem*, um jornal digital sobre Lisboa. Uma vez por semana, Stephen escreve e envia um vídeo do People of Lisbon, e Rita fotografa. Além disso, estes filmes já atravessam os céus internacionais nas asas da TAP, que os transmite nos voos de longo curso.

Quando a Rita, foi a crise de 2008 que a levou para fora da sua terra natal, Riga, na Letónia, onde se formou em fotografia. Chegou a acumular três trabalhos para conseguir pagar o apartamento. E, tal como ela, milhares de pessoas partiram, de tal forma que ficou a expressão “o último a sair que apague a luz do aeroporto.” Com um amigo, partiu para o Reino Unido, esteve na Bulgária e ainda passou uns anos na Bélgica antes de desembarcar em Lisboa. Ao longo deste tempo, trabalhou na área do turismo, ao mesmo tempo que se dedicava à sua maior paixão, a fotografia. Chegou a ter trabalhos seus em várias exposições na Europa, mas o dinheiro não era suficiente para se dedicar exclusivamente a esta arte.

Tinha visitado Portugal muitos anos antes. Nessa altura, ficou no Porto, em casa de uma amiga, e a impressão com que ficou foi a de um país nada caro e com gente calorosa. Na Bélgica, estava a precisar de mudar, cortar com tudo e, depois da boa experiência do Porto, porque não voltar a Portugal? Vendeu tudo, pegou no material de fotografia e pôs-se a caminho. Quando chegou em setembro de 2019, “não tinha qualquer intenção de ficar por cá a viver”. Vinha de mochila às costas, sem ter reservado um sítio onde ficar. E ao passar por um hostel na zona do Marquês de Pombal, resolveu entrar. A sua decisão revelou-se acertada. A rececionista, que era letã, estava de saída para regressar à Letónia. “Vi a oportunidade de ficar no lugar dela.” Falou com o gerente e começou nesse mesmo dia a trabalhar como rececionista. Pouco depois, começou a pandemia. Não podia ir para lado nenhum, mas também não queria ir. Foi assim que resolveu ficar a viver por cá.



Rita Anson, 35 anos, Letónia, e Stephen O'Regan, 39 anos, Irlanda. Criadores do projeto *online* People of Lisbon, onde se retrata a diversidade de pessoas e vivências da cidade. Hoje, além de ser um projeto documental, é também uma comunidade, um grupo em rede, onde as pessoas comunicam umas com as outras e organizam eventos entre si.



“Gosto imenso da vida aqui, da cultura, das pessoas, mas, para a integração, a cultura portuguesa não é fácil... Mas vale a pena.”

RÉMY GENET

duação ministrada por escolas especializadas em negócio e gestão] que o levou até Buenos Aires, e um contrato com uma empresa de segurança e biometria na Colômbia. De Bogotá, voou para Lisboa, em 2014, contratado por outra empresa do mesmo ramo. É com admiração que diz que Portugal é o país mais desenvolvido do mundo no controlo de fronteiras e dá como exemplo as *e-gates*, uma tecnologia de ponta liderada por uma empresa portuguesa que lê os traços do rosto dos passageiros nos aeroportos.

A curiosidade com a aprendizagem de outras línguas é o que torna este cidadão do mundo um bom falante do português. O momento de mudança profissional deu-se em 2017, quando o gosto pela escrita e pela literatura o fez virar costas ao mundo empresarial. Decidiu, então, escrever um livro: “Ao mesmo tempo, nasceu o meu filho. Estava a escrever o livro e a tomar conta do meu filho. Ele é que marcava a minha agenda”, diz, sorridente. O romance *Dans le Rouge* foi publicado pelos seus próprios meios, “uma modesta tiragem de 350 exemplares”. O livro foi como se fosse uma revelação, porque percebeu que gostava imenso de escrever, e também de contar histórias. Mas dedicar-se inteiramente à escrita não lhe parecia financeiramente possível. Apercebeu-se também de que o ato de escrever é uma tarefa muito solitária, “e eu não gosto de estar sozinho”, diz. Havia uma dimensão que lhe faltava e “dinheiro também”, ri-se. Começou a participar *pro bono* noutras revistas, e apanhou o gosto pelo jornalismo, até que chegou o momento de pôr de pé o seu próprio projeto editorial. Foram dois anos muito difíceis: “Criei uma empresa, que é portuguesa,

Rémy Genet nasceu em França, numa pequena cidade a 40 km de Paris. Fez um bacharelato em administração de empresas e gestão comercial. Mais tarde, licenciou-se na mesma área, em Chicago. Viveu um ano em Pequim com um estágio remunerado, que considera ter sido uma “experiência espetacular”. Seguiu-se um MBA [pós-gra-

no final de 2019, e lancei a revista *Mayonèz Mag*, no início de 2020, quando irrompeu a pandemia. Fala da revista com entusiasmo e explica a razão do nome: “Maionese, uma mistura com sonoridade francesa, reconhecida no mundo inteiro, com ingredientes que supostamente não casam, mas com um resultado bonito.” O entra e sai do confinamento não ajudou nada, mas, ainda assim, conseguiu lançar cinco números de uma revista trimestral, que se vende nos quiosques de oito países europeus e também nos Estados Unidos e Canadá.

Como se sente em Lisboa? “De Lisboa não penso sair.” Diz que é difícil encontrar defeitos na cidade, quando comparada com outras, como Bogotá ou Pequim, que são “tentaculares”. Acha que Lisboa se está a transformar, e isso é positivo, mas “é preciso muito cuidado, para se preservarem os valores e a identidade”. E ressalva: “penso que as políticas têm tido esse cuidado”. Para Rémy, Lisboa continua a ser uma aldeia, “onde chego ao meu destino em dez minutos para fazer o que quiser”. Valoriza o local onde vive, próximo de Santos, na freguesia dos Prazeres, “porque tem muita vida de bairro, é um minibairro, onde não há muita gente de fora e onde o comércio tradicional subsiste, a par de mercearias e restaurantes das comunidades do Bangladesh e do Nepal.” Afirma convictamente: “Gosto imenso da vida aqui, da cultura, das pessoas”. Contudo: “Para a integração, a cultura portuguesa não é fácil... Mas vale a pena”. E surpreende quando fala da sua experiência pessoal: “tive mais facilidade em penetrar noutras culturas, como a colombiana, a argentina, e até mesmo a chinesa”. Na opinião de Rémy: “a cultura portuguesa não é latina, não é totalmente europeia, e há uma grande influência árabe, e isso nota-se muito no modo como as pessoas se relacionam, na forma de falar...”. “Acho Portugal uma coisa muito única”, acrescenta. Quanto aos portugueses, “têm uma forma de viver extraordinária”, singular pelo pacifismo, pela consideração que demonstram pelos outros. “O primeiro contacto é sempre amável. Depois, para se estabilizar uma amizade, pode levar tempo... Mas quando acontece, é para a vida.

Rémy Genet,
35 anos, França.
Fundador e CEO da
revista francófona
Mayonèz Mag
(trimestral), sobre
cidades, cultura e
negócios, distribuída na
Europa e América do
Norte; empresário,
e também escritor
nas horas vagas.



“Quando se é nômada, o que implica lidar com muitas mudanças, não podemos simplesmente deixar-nos ir, senão acabamos por nunca fazer nada.”

KRISTY EVANS

anos, até que foi para Seattle “para começar o meu próprio negócio, na área do comportamento humano”. Nunca parou de viajar, mas mantinha a sua casa, fosse em Nova Iorque, em Seattle ou em Londres. Porém, depois de consolidar o negócio, “ guardei as minhas coisas e tornei-me uma nômada a tempo inteiro; agora vivo a viajar”.

Kristy, como já foi mencionado, dedica-se à pesquisa do comportamento humano, e a maioria das suas viagens esteve sempre relacionada com esta atividade. Atualmente, é consultora de empresas que conduzem estudos dentro da sua área, ao mesmo tempo que está a construir um negócio de *coaching* de carreira, focado em orientar as pessoas que querem mudar de rumo sem terem de começar do zero. “Estou a usar as técnicas que usei como investigadora do comportamento humano, de modo a poder auxiliá-las a compreender o seu valor para melhor se adaptarem ao mercado de trabalho”, especifica.

Em 2020, por causa da pandemia, viu-se obrigada a regressar aos EUA. Mas, ainda assim, não parou, viajando por várias regiões dentro do território norte-americano. “Estava à espera que o mundo abrisse”, sublinha Kristy. Em 2021, parte para a Colômbia, acompanhada por outros nômadas digitais e depois

Esta cidadã californiana, nascida nos subúrbios de São Francisco, considera-se uma verdadeira nômada desde os 18 anos. “Passei a maior parte dos primeiros anos da minha carreira entre Nova Iorque e Londres”. Nesta última cidade viveu quatro

percorreu a América Central e do Sul, antes de voltar à Europa, no outono. Mas quando chegou o inverno europeu foi passá-lo à Cidade do Cabo. Finalmente, em abril de 2022 aterrou em Lisboa.

Kristy, descreve o seu dia a dia como sendo “relativamente normal e estruturado”, e acrescenta, “quando se é nômada, o que implica lidar com muitas mudanças, não podemos simplesmente deixar-nos ir, senão acabamos por nunca fazer nada”. Por isso, descreve a sua rotina, como a de qualquer pessoa residente: vai ao ginásio de manhã, a seguir vai trabalhar para um espaço de *coworking*, e no final do dia reúne-se com outros nômadas em vá-

rios tipos de eventos. Aos fins de semana, explora outros locais “fora da cidade”, para se encontrar com a natureza.

Sobre Lisboa, Kristy sublinha que é uma cidade muito internacional e muito acolhedora para estrangeiros, sem deixar de preservar a sua identidade. O maior problema que aponta talvez seja a burocracia “pois não tem a eficiência de um lugar como a Alemanha”.

Mas, confessa, a principal queixa que ouve dentro da comunidade nômada é o frio dentro de casa durante o inverno: “toda a gente tenta partir no inverno, apesar de o tempo não ser muito frio” (risos). Bem sabemos: já o inglês Thomas Cox, em 1701, nos seus apontamentos, referia o desconforto térmico das casas portuguesas. Kristy aponta ainda outro problema: a crescente dificuldade em encontrar casa. Kristy sente essa tensão entre o desejo de continuar em Lisboa e a consciência de que a presença da comunidade internacional faz subir os preços da habitação, tornando-se cada vez mais difícil para os portugueses, e não só, encontrar casa.

E o futuro? “Pretendo ficar em Lisboa três meses”, o tempo a que tem direito com o visto de turista. A seguir vai voltar à “estrada”, mas a ideia é regressar, e, acrescenta, “provavelmente pedirei um visto de longo prazo para o início do próximo ano”. ●



Kristy Evans, Califórnia, EUA, Nômada digital assumida, trabalha na área do *coaching* empresarial.



LISBOA É O DESTINO ESCOLHIDO POR ESTUDANTES E INVESTIGADORES DE TODO O MUNDO

São 22 400 os estudantes estrangeiros matriculados nas universidades da região de Lisboa (quase 15% do total) – 12 mil dos quais ao abrigo de diversos programas de intercâmbio, com destaque para o programa Erasmus, promovido pela União Europeia. A estes juntam-se largas centenas de investigadores, dispersos pelos vários centros de investigação das universidades e outras instituições científicas.

Por ordem decrescente e por país de origem, surgem nos primeiros lugares, com mais de mil estudantes: Brasil (6701 estudantes), Angola (2381), Alemanha (1561), Guiné-Bissau (1361), Itália (1292), Cabo Verde (1123) e França (1000). Se, em termos absolutos, se verifica esta predominância de estudantes com origem em países lusófonos, já a percentagem daqueles que cá estão em programas de mobilidade expressamente destinados a estudantes (como o programa *Erasmus*) aponta para a sua origem europeia: Polónia (dos quais, 79% em mobilidade), Bélgica (70%), Espanha (55%), França (46%) e Itália (41%), segundo dados para 2020-2021 da Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência.



“É uma cidade linda, com o pacote completo”

Roel Weidgraaf

Holandês, 24 anos

Estudante de saúde / fisioterapia

Em vias de concluir o último ano do seu curso de fisioterapia, Roel optou por Lisboa, já que sempre se sentiu atraído pela vida nas grandes cidades e por conhecer novas culturas. Veio com um amigo e não se arrepende. “É uma cidade linda, com o pacote completo: bairros antigos, praias de *surf* por perto, boa comida, café barato para acompanhar o pastel de nata, vida noturna”, elenca, à sombra da estátua de Luís de Camões, que chegou a ser contemporâneo de Erasmus, o filósofo holandês que empresta o nome ao programa de intercâmbio de estudantes que o trouxe a Lisboa.

Apesar de estudar na Escola Superior de Saúde do Alcoitão (Cascais), que tem “excelentes professores especialistas”, preferiu residir em Lisboa (na zona do Marquês de Pombal). A breve estadia de seis meses entre nós vai deixar-lhe boas recordações, como as das festas e eventos do projeto *Study in Lisbon*, onde conheceu “montes de novos amigos”. Promete voltar, seja para estudar, seja para trabalhar.

TEXTO

LUÍS MIGUEL CARNEIRO



“Foi a melhor decisão da minha vida”

Michalina Faszclenska

Polaca, 24 anos

Estudante de comunicação

As boas referências que obteve sobre o clima e a beleza da nossa cidade levaram Michalina e três colegas de Varsóvia a rumar a Lisboa. Ao longo de dois semestres, veio concluir a sua tese de mestrado em comunicação, sobre o impacto do *marketing* nos media. “Foi a melhor decisão da minha vida”, afirma. Conciliando com os estudos num estabelecimento de ensino privado (Universidade Europeia), arranjou um emprego temporário e ainda teve tempo para explorar a cidade em torno dos locais onde morou (Intendente e Anjos) e conhecer os arredores da cidade.

Cumpridos os objetivos académicos e de melhoria do inglês falado, sente-se à vontade para ser porta-voz de outros colegas que aqui pousaram ao abrigo do programa *Erasmus* e com quem tem participado em atividades comuns: “a vida é barata, as pessoas são simpáticas e, por isso, todos queremos ficar”.



“Vou criar o meu filho em Lisboa”

Valentina Lozza

Italiana, 39 anos

Investigadora de física de partículas

Depois de estudar em Pádua e Trieste (Itália), continuou a vida académica como *postdoc*

na Alemanha (sete anos), e a trabalhar em investigação sobre neutrinos [partículas subatômicas] no observatório instalado no Canadá. Foi aqui que conheceu o grupo de investigação português que lhe aguçou o interesse por Lisboa.

Concorreu para cá, em 2015, a um concurso para investigadores e, posteriormente, a um concurso de emprego científico. Trabalha no Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas, onde continua a trabalhar na área dos neutrinos – “é um bom laboratório, onde se faz boa investigação”. Pelo caminho, deu aulas na Faculdade de Ciências, durante dois anos.

Apesar de considerar que “os portugueses são reservados, o que não é um defeito”, elogia a “boa vizinhança”. Agora, pretende avançar para outro projeto em Lisboa, para mais seis anos, pelo menos. Dominando perfeitamente o português, gosta da vida ao ar livre na cidade, como os eventos de música em jardins e os festivais de verão. “Vou criar o meu filho em Lisboa” (um bebé com um mês de vida) e até já escolheu o jardim de infância. ☺

STUDY & RESEARCH IN LISBON

[ESTUDAR E INVESTIGAR EM LISBOA]

PROGRAMA DE ACOLHIMENTO DA AUTARQUIA

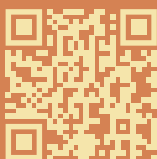
Para facilitar a adaptação de estudantes e investigadores, foi criado o projeto Study in Lisbon (agora denominado Study & Research in Lisbon – “Estudar e Investigar em Lisboa”). Lançado em 2015, resulta de uma parceria entre o município de Lisboa e outras entidades vocacionadas para enquadrar quem chega às nossas universidades e centros de investigação. Esta iniciativa visa promover internacionalmente as instituições de ensino superior de Lisboa e, ao mesmo tempo, atrair e reter talento jovem, com benefícios na economia da cidade, gerando emprego e investimentos baseados no conhecimento e na inovação.

O projeto Study & Research in Lisbon disponibiliza duas plataformas digitais (uma para estudantes e outra para investigadores) com toda a informação necessária e um espaço aberto para ajudar a resolver assuntos prático (vistos de permanência/ residência, informações relacionadas com alojamento, cursos de português, oportunidades de emprego ou estágios).

novas ideias,

TEXTO **SUSANA PINA**
TESTEMUNHOS E FOTOS **JOSÉ BARBOSA**

Quando se trata de lançar novos negócios a partir de ideias inovadoras, antes de se falar em concorrência, fala-se em cooperação. Em Lisboa, centenas de novos empreendedores formam uma comunidade de entreajuda e parceria, num ambiente que favorece a criatividade, a aprendizagem e o crescimento.



O conceito de ecossistema empreendedor é, nesse sentido, fundamental. Define-se pela existência de condições favoráveis para a emergência e crescimento de novas empresas: investimento público e privado nas infraestruturas necessárias, desde espaços de trabalho partilhado, a serviços de mentoria, passando por plataformas digitais integradoras da comunidade; centros de investigação e universidades que estimulam a criatividade; uma banca e empresários seniores dispostos a correr riscos; gestão urbana que investe em alojamento, qualidade do espaço público e mobilidade. E o “espírito do lugar”, dificilmente definível, mas que coloca Lisboa bem posicionada para atrair pessoas, ideias e negócios.

Negócios que (ainda) não existiam

Os casos bem-sucedidos de jovens empresas associadas à inovação (startups) têm, quase sempre, uma estrutura de apoio onde se integram e que as ajudam a dar os primeiros passos (incubadoras). Pode ser através do conhecimento de outros empreendedores mais experientes, apoio logístico, contactos com peritos na mesma área ou em áreas complementares, aconselhamento na área da gestão e marketing, candidatura a fundos, ou angariação de investimento e potenciais clientes.

Falámos com cinco desses novos empreendedores de Lisboa.

novas empre



Da universidade para o mercado

FADHIL MUSA, 29 ANOS

DELOX

Após sete anos de investigação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL), Fadhil Musa, Fernando Antunes e João Silva, professores na FCUL, conseguiram criar novas soluções de descontaminação, nomeadamente uma formulação sólida de peróxido de hidrogénio que permite eliminar microrganismos.

“Antigamente, a importância da descontaminação passava despercebida à generalidade das pessoas. Hoje, já há essa perceção. E isso refletiu-se também nos prémios ganhos pela Delox”, diz Fadhil, o CEO da empresa. As suas soluções na área da biodescontaminação podem ser utilizadas em hospitais, laboratórios, indústria farmacêutica, biodefesa ou exploração espacial. Estão a concluir alguns processos de certificação e contam, em breve, começar a comercializar o seu equipamento.

Esta empresa nasceu na incubadora Tec Labs, que agrega todas as iniciativas de empreendedorismo de base científica e tecnológica da Faculdade. “Tiveram muita vontade de ajudar, querem mesmo que os projetos cheguem longe”, diz Fadhil Musa. Foi também na Tec Labs que se reuniram com os primeiros investidores e onde se abriu a porta do mercado. Do conhecimento e inovação científica nasceu um negócio com ganhos para a saúde pública.

“Quando a empresa começou, tivemos o privilégio de ter alguns investidores iniciais que acreditaram em nós.”

Joana Rafael



Comprar e sair “sem pagar”

JOANA RAFAEL, 36 ANOS

SENSEI

Estrela em ascensão, é como é chamada a empresa Sensei, que quer ficar na história do comércio a retalho, mudando a forma como fazemos compras em supermercados. Desenvolveram uma tecnologia inovadora que permite fazer compras e sair “sem pagar”. Isto é, sem necessidade de *scanearmos* os produtos ou ficarmos na fila. Baseada em visão por computador e inteligência artificial, esta tecnologia só “exige” do utilizador uma aplicação de telemóvel para sair do supermercado tão facilmente como entrou. “É uma espécie de via verde das compras”, diz Joana Rafael, cofundadora da empresa, que sublinha o facto de a informação recolhida ser anónima e não pôr em causa a privacidade do cliente. O sistema permite ainda a sinalização automática do reabastecimento das prateleiras. O recurso a estas tecnologias em lojas físicas, acrescenta, “traz ganhos de eficiência na logística das lojas e na experiência de compra”.

A Sensei começou por ser uma *startup* com origem no meio académico: três doutorandos e um professor do Instituto Superior Técnico reuniram a vontade e a *expertise* necessária. “Quando a empresa começou, em 2017, tivemos o privilégio de ter alguns investidores iniciais que acreditaram em nós”, diz Joana Rafael, o que permitiu passarem da ideia à prática. Hoje, os valores dos investimentos já não se contam em milhares, mas em milhões de euros. Há cerca de um ano, em parceria com uma cadeia de supermercados, abriram uma loja no Arco do Cego, em Lisboa, que é “a primeira totalmente autónoma na Europa”. “Foi um momento que nos deixou muito orgulhosos”, diz a empresária, “agora o objetivo é escalar a muito mais lojas, de preferência uma loja em cada esquina do globo com tecnologia Sensei”.

sdas



Do desperdício ao design

GABRIELA FORMAN, 41 ANOS

DEBRIS

Gabriela Forman, fundadora e investigadora principal do DEBRIS (Design Education on Biomaterials Research - Innovation from Surplus), viu no desperdício e nos resíduos matéria-prima.

“Desenvolvemos materiais a partir dos desperdícios, seja da cozinha, da indústria têxtil, ou de outras indústrias locais. Depois pegamos em todos esses resíduos e fazemos biocompósitos, muitos deles através da ação de bactérias e fungos”, diz Gabriela. “É usar ferramentas que a biologia nos dá e agregar ao processo criativo”. Parece simples, mas é um processo complexo, feito de muita experimentação, tentativa e erro: “Às vezes nem sabemos muito bem como começar, mas criamos a partir de “receitas” e vamos modificando, é mesmo um trabalho exploratório”, diz.

Depois, quando se obtém um novo material a partir desses compósitos, é preciso avaliar as suas potencialidades: vestuário, mobiliário, arte, arquitetura, são algumas áreas de aplicação.

A existência, na equipa, de investigadores em diferentes especialidades, e em diferentes laboratórios e universidades, facilita o processo. Na área da microbiologia aferem-se as capacidades dos fungos e das bactérias para processar os materiais, “temos também bactérias que são modificadas para se tornarem mais eficazes”, explica Gabriela. Na área da biotecnologia e dos materiais avalia-se a composição dos produtos e as suas características e potencialidades. “Há aqui uma rede, não podemos fazer tudo sozinhos, temos de fazer juntos e juntos faz-se melhor. A ideia é também que isto seja o resultado de várias cabeças, de várias mãos”, diz.

DEBRIS é um projeto de investigação (financiado pelo Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design da FA-ULisboa) ligado à área da bioeconomia, um modelo económico que substitui a

utilização de recursos fósseis por recursos renováveis de base biológica, numa perspectiva de circularidade, onde nada se perde e tudo se transforma e reutiliza, num ciclo que nunca fecha. Neste modelo são usados os recursos da terra e do mar, respeitando os limites naturais dos ecossistemas. Gabriela dá um exemplo: “às vezes usamos algas, ou plantas, quando são espécies invasivas”. A DEBRIS tem também a preocupação de utilizar espécies e desperdícios locais. Os materiais que deles resultam têm, por isso, a “impressão digital” do local onde foram gerados.

A “sede” deste processo de experimentação é no laboratório do Bio Lab, seu parceiro, a funcionar no mercado do Forno do Tijolo. Este espaço foi criado por iniciativa da Câmara de Lisboa em parceria com a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e a Associação para a Investigação e Desenvolvimento de Ciências. Segundo Gabriela Forman, o Bio Lab faz uma ponte entre a academia e a comunidade, com a colaboração da autarquia por trás. “É um apoio, que é essencial, a nível físico; é também um modo de juntar pessoas com os mesmos interesses já que às vezes é difícil encontrar pessoas abertas para a experimentação, ou que já percebam um bocado disto. Acaba por haver aqui uma família do bio, e isso é muito importante”, acrescenta.



Redesenhar as prisões do futuro

DUARTE FONSECA, 33 ANOS

RESHAPE

Muitas ideias inovadoras que germinam na cidade não visam necessariamente o lucro. Estão ligadas ao empreendedorismo social e querem ir ao encontro de necessidades sociais ou ambientais que não têm resposta suficiente ou adequada nos setores público e privado. É o caso da Reshape, que

trabalha com a comunidade prisional e com todos, governo, autarquias, empresários e organizações não governamentais, que podem contribuir para a “visão” desta associação: um mundo onde ninguém volta à prisão e onde a reinserção é a regra e não a exceção. “É preciso redesenhar as prisões do futuro. Ainda estamos na sua versão 1.0 e pouco evoluíram em mais de dois séculos”, diz Duarte Fonseca, cofundador e diretor executivo da associação. Este projeto começou em 2015, mas “o grande salto” deu-se quando entraram na Casa do Impacto. É um espaço criado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa que promove negócios e projetos sustentáveis na área social. Aqui, as boas ideias encontram apoio logístico, financeiro, formação, mentoria e uma rede de contactos para partilhar conhecimento e experiências. “Aprender com quem sabe”, diz Duarte Fonseca, e “aprender a trabalhar com grandes instituições, que têm peso e alcance, como a Santa Casa, ou a Câmara, mas que também têm os seus próprios tempos”.

A Reshape atua em duas frentes. Uma, de trabalho direto com as pessoas que estão ou estiveram em situação prisional: programas de valorização pessoal e integração; ajuda personalizada às pessoas e seus familiares; emprego numa empresa social de produção de peças cerâmicas. A outra frente de trabalho “joga-se cá fora”, apresentando propostas concretas de políticas e soluções inovadoras para o sistema prisional. Diz Duarte Fonseca: “É um sistema muito desconhecido da sociedade em geral. Para dar uma ideia... acho que todos nós portugueses temos uma ideia clara, uma visão, uma opinião sobre o Sistema Nacional de Saúde ou sobre o Sistema de Educação, mas poucos temos uma ideia informada e formada sobre o sistema prisional, que é um sistema tão importante como os outros, e que existe para nos servir a nós enquanto sociedade.”

“Quando começámos éramos duas pessoas e, de repente, tivemos acesso à experiência de uma comunidade de trinta. Isto tem muito valor.”

João Marques



Reparações com preço fixo

JOÃO MARQUES, 27 ANOS

OSCAR

Quem nunca se confrontou com necessidade de reparações de eletrodomésticos, ou com uma canalização que cedeu, ou com uma montanha de roupa que, de repente, é preciso passar? As surpresas inconvenientes no espaço doméstico não são raras. Depois é a saga da procura do técnico adequado, dos pedidos de orçamentos, ou das contas inesperadas. João Marques detetou esse problema e intuiu que talvez houvesse aí uma oportunidade de negócio.

E criou o OSCAR, uma aplicação de serviços para a casa – reparações, limpezas, lavandaria – que permite “chamar um técnico com a mesma facilidade com que se chama o Uber, por exemplo”, e ter a garantia de que não se espera mais de 30 minutos, nem se paga mais do que o valor que aparece de imediato no telemóvel. Independentemente do tempo ou da complexidade da tarefa, os serviços funcionam com “preço fixo” (só não estão incluídas as peças que tenham de ser substituídas). “Assim, o cliente já sabe quanto é que vai pagar antes de fazer o pedido, o técnico já sabe quanto vai ganhar antes de aceitar; no fundo, estamos a trazer mais transparência para o mercado”, diz João Marques. Além do mais, a aplicação permite acompanhar o percurso do técnico e monitorizar o que está a acontecer durante a intervenção.

Mas o fundador e CEO da empresa reconhece que o OSCAR não existiria sem a Olisipo Way, um investidor que ajudou com o financiamento inicial (*early stage venture capital* – ver glossário), aconselhamento e, sobretudo, com uma rede colaborativa. “Nós, quando começámos o OSCAR, éramos duas pessoas e, de repente, tivemos acesso à experiência de uma comunidade de trinta pessoas. Isto tem muito, muito valor”, diz João Marques. “O que caracteriza a Olisipo Way é a ideia de comunidade, o facto de investirem muito em pessoas, e a forma como todos partilhamos, sem medos, sem filtros, as nossas dúvidas e problemas”.



Atracar com menos custos

JORGE GARCIA-FERNANDEZ, 38 ANOS

GOCLEVER

Soluções para reduzir o tempo (e os custos) de atracagem de um navio ao cais tem sido uma longa demanda dos especialistas em atividade portuária. A gestão (descarga e tratamento) dos resíduos produzidos a bordo e o controlo da cadeia da carga contentorizada são aspetos importantes para a eficiente exploração da atividade marítima e portuária. Foi a pensar nisso que Jorge Garcia-Fernandez, um cubano-espanhol nascido em Havana, fundou a GoClever. Esta empresa desenvolveu *hardware* (sensores) e *software* para digitalização e automação dos processos, permitindo a integração das cadeias logísticas que operam com contentores e a eficiência do trabalho dos operadores de resíduos – tudo isto para permitir encurtar os custos de atracagem.

Jorge estudou arquitetura em Cuba e fez diversas pós-graduações (mestrado e doutoramento) em Madrid, Valladolid e Michigan (EUA). Nesta última universidade, passou a interessar-se pela digitalização dos processos usados em arquitetura e a forma como poderiam ser usados noutras atividades.

Uma portuguesa, hoje mãe do seu filho, “trouxo-o” para Lisboa em 2017. A ideia de criar a empresa levou-o primeiro à LisPolis – Polo Tecnológico de Lisboa e, depois, à Startup Lisboa, onde está há dois anos. Entre as vantagens desta incubadora de empresas, aponta o trabalho em rede (contactos, custos de comunicações, *outsourcing* de bens e serviços), a facilitação dos processos negociais, o pessoal qualificado (“gente muito bem preparada e capaz”) e, sobretudo, o ambiente de trabalho que, nas necessárias pausas para convívio, entre um café ou uma cerveja, permite “falar da vida, dos desafios comuns e das experiências com os investimentos”.

Hoje, a sua empresa opera nos portos de Barcelona, Las Palmas e Aveiro – sem ter de sair de Lisboa. LMC ☺



UM “LOCAL” DE ACOLHIMENTO NA CIDADE

STARTUP LISBOA

A Startup Lisboa é uma incubadora de empresas nascida em 2012 no âmbito do

Orçamento Participativo municipal. Com seis

associados, incluindo a autarquia, e o apoio de uma centena parceiros e cerca de 70 investidores, acolheu desde então mais de

400 startups

(63% portuguesas e 27% estrangeiras, de

40 nacionalidades diferentes).

Destas, 70% conseguiram vingar, criando mais de 4500 empregos, num investimento superior a 330 milhões de euros.

Além das funções habituais de uma incubadora (ver glossário),

a Startup Lisboa providencia residência temporária (máximo de seis meses)

a empreendedores vindos de fora. Atualmente,

é a entidade responsável pela gestão do Hub Criativo do Beato. ☺

O JARGÃO DO EMPREENDEDORISMO

Quando perguntamos a alguém o que é que faz, ou o que faz a empresa onde trabalha, o mais certo é ficarmos na mesma, sobretudo se forem jovens. Para muitos de nós, são profissões e áreas de negócio de que nunca ouvimos falar. E, para complicar, é provável que a resposta seja dada em Inglês. Para quem não quer “ficar para trás”, aqui vai uma pequena ajuda.

ACELERADORAS são empresas que contribuem para o rápido crescimento de *startups* (ver definição abaixo) através de programas intensivos e estruturados de apoio de curto prazo, ajudando-as a obter novos investimentos, até estas conseguirem pagar as suas contas com as receitas do negócio (o chamado *break even point*). A aceleradora pode investir também um pequeno valor financeiro, o *survival money* (dinheiro de sobrevivência) e, em contrapartida, torna-se sócia da *startup* até ao momento em que a sua participação é vendida com lucro a investidores ou empresas.

BUSINESS ANGELS (“ANJOS DO NEGÓCIO”) são as pessoas que primeiramente acreditam num projeto e se dispõem a apoiá-lo numa fase inicial. O investimento implica, em troca, uma participação no negócio. Um *business angel*, interessado no retorno do capital, irá apoiar a empresa emergente com a sua experiência em gestão e o seu conhecimento do mercado. Os *business angels* aplicam, por norma, um capital que pode variar entre os 25 e os 500 mil euros (segundo cgd.pt) - um capital cedido a empresas cuja dimensão é ainda muito pequena para atrair fundos de capital de risco de maior escala.

CEO é sigla da expressão *Chief Executive Officer*. É a pessoa responsável máxima pela gestão e direção administrativa da empresa.

COMUNIDADE é um conjunto de pessoas que partilham conhecimentos e interesses comuns. Quem empreende, em início de carreira, tende a integrar-se

em comunidades. A pertença a uma comunidade dá mais alento e segurança a quem se lança num novo projeto, permitindo trocar opiniões e dúvidas com um leque alargado de investigadores, empreendedores e peritos numa determinada área. As comunidades de empreendedores, suportadas por plataformas informáticas ou grupos *online*, cada vez mais constituem redes de entreaajuda que atravessam países e continentes.

CORE BUSINESS é a atividade principal da empresa. O seu foco de negócio e aquilo que deve fazer melhor – independentemente de poder explorar outras áreas de negócio.

COWORK (ESPAÇOS DE) são edifícios ou salas onde uma pequena empresa ou um *freelancer* se pode instalar e partilhar serviços com outros *coworkers*. Por exemplo, secretariado, impressoras, fotocopiadoras, *wireless*, sala de reuniões... Os custos assim partilhados sobrecarregam menos as empresas que não precisam de dispor destes recursos em permanência. Há muitas ofertas de espaços com estas características em Lisboa. São também locais de encontro entre pessoas e áreas de negócio, o que pode gerar colaborações.

ESCALABILIDADE (*SCALEUP*) um negócio escalável é o que está pronto para dar resposta rápida a um aumento da procura sem que os custos sejam proporcionais a esse crescimento. As empresas tecnológicas, em geral, têm essa capacidade, já que as soluções podem ser facilmente replicáveis.

Glossário

FAB LAB é a abreviatura da expressão *fabrication laboratory* (laboratório de fabricação). Esses espaços, em regra de utilização comunitária, estão equipados para dar resposta à fabricação digital. Aqui, quem tem ideias, pode materializá-las, experimentar soluções e executar protótipos. Impressoras 3D, fresadoras, máquinas de corte, bancadas eletrônicas, prensas, computadores e *software*, são alguns dos recursos que podem ser encontrados num fab lab. Há ainda apoio técnico para operar essas ferramentas. O Fablab Lisboa localiza-se no Mercado do Forno do Tijolo, em Arroios.

FOUNDER é o fundador ou fundadora. Uma palavra em inglês que designa a pessoa que fundou a empresa.

HUB concentração, no mesmo local, de várias empresas que podem tirar partido da proximidade entre si. Muito longe dos tradicionais edifícios de escritórios, os *hubs* são, em regra, espaços com arquiteturas pouco convencionais que favorecem o encontro presencial. Podem formar pequenas “vilas”, onde todos se conhecem e onde cada rosto se associa facilmente a uma *expertise* e a uma empresa. Pequenos negócios em início de atividade, ou “ramificações” de grandes empresas à procura de inovação, associações não lucrativas,

empreendedores, *freelancers*, todos se podem concentrar num *hub* formando uma rede de complementaridades. Um exemplo simples: num *hub*, um fabricante de móveis pode encontrar a *designer freelancer* de que precisa para desenhar novos produtos, que, por sua vez, os concebe a partir de materiais reciclados criados por uma empresa de biotecnologia instalada no mesmo local. Os *hubs* combinam organicamente o profissionalismo, o lazer, o convívio de café e a comodidade de uma casa. Outra lógica que prevalece é a flexibilidade dos espaços. Se alguém precisa de alugar uma sala às terças e quintas para dar aulas de yoga, paga por esse período. Noutros horários, o mesmo espaço pode acolher outra atividade qualquer.

Um *hub*, por norma, reúne iniciativas e empresas que, além da criatividade, têm também incorporado os princípios da sustentabilidade e da economia circular. O Lx Factory, em Alcântara, é um *hub* onde se cruzam várias indústrias criativas, nomeadamente na área da cultura, mas não só. Tornou-se um espaço na cidade que atrai visitantes pelas experiências de lazer, espetáculos e gastronomia. Já o Hub Criativo do Beato, a grande aposta do município, será um centro de inovação para empresas criativas e tecnológicas, que está a ser construído num complexo de fábricas desativadas na frente oriental de Lisboa. É aqui que funcionará uma “fábrica de empresas” (de preferência unicórnios – ver abaixo) com a parceria, entre outros, da Web Summit.

INCUBADORAS são organizações que apoiam os primeiros passos da vida de uma empresa e dão uma ajuda especializada (o que as distingue dos “meros” espaços de *coworking* – ver definição acima). Porque ter uma ideia inovadora não basta. É preciso ter um plano de negócio e torná-lo sustentável. Num clima informal de interação, facilitam o acesso a profissionais nas áreas financeira, jurídica e de *software*, entre outros, além de disponibilizarem espaços de trabalho. No caso de se ter uma empresa sediada em casa, as incubadoras podem também prestar serviços virtuais. Uma das competências das incubadoras é ajudar a encontrar investidores. Muitas vezes, o desenvolvimento do negócio exige experimentação e prototipagem do produto até se conseguir chegar ao mercado. E isso pode demorar anos de incubação.

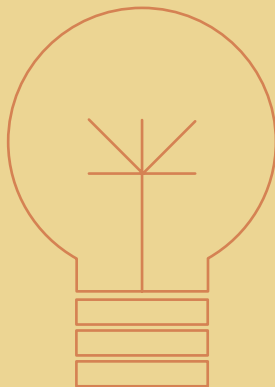
Existem incubadoras de iniciativa municipal (ver caixa – Startup Lisboa), nas universidades e politécnicos, e também incubadoras de iniciativa



FEITO DE LISBOA, QUE É COMO QUEM DIZ

MADE OF LISBOA

A plataforma Made of Lisboa federa e liga em rede as incubadoras e aceleradoras de empresas, os laboratórios com equipamento de fabricação digital (fab labs), os espaços de *coworking* e os potenciais investidores em novas empresas. É um projeto da Câmara Municipal de Lisboa na área do empreendedorismo



e inovação. Através desta plataforma e de um acompanhamento personalizado, a autarquia atua como agregadora e dinamizadora de atores e iniciativas económicas (sem esquecer as áreas da economia circular e da economia social), dando a conhecer ao país e ao mundo as potencialidades do ecossistema empresarial da cidade. ☺

privada, com financiamento próprio ou recurso a fundos públicos, que cobram valores acessíveis pela ocupação do espaço e prestação dos serviços.

RONDA DE INVESTIMENTO nas rondas de investimento, as *startups* (ver definição abaixo) visam angariar investidores, muitas vezes a troco de uma percentagem sobre o capital da empresa. Os momentos em que selecionam e contactam os potenciais investidores são particularmente exigentes, pelo que muitas vezes recorrem à experiência de incubadoras e aceleradoras (ver definições acima). A ronda de investimento obedece a critérios bem definidos, dependendo da fase em que está a empresa, dos objetivos que pretende alcançar nesse momento e do montante de investimento necessário. Uma ronda pode ser da categoria “pré-semente”, “semente” e séries (A, B, C, D, E...). O tipo de investidores também pode variar. Enquanto numa ronda “pré-semente” (que serve para pôr em marcha a ideia de negócio), os investidores são, em regra, os chamados FFF - *Friends, Family & Fools* (amigos, família e loucos), em rondas posteriores entram em campo outros interessados.

STARTUP é uma empresa que começa com uma boa ideia; que tem uma solução inovadora para um problema ou para uma nova necessidade de mercado. Na sua fase inicial conta com poucas pessoas, às vezes até só com uma. São os fundadores

(ou os *founders*). Normalmente, as *startups* relacionam-se com a área da tecnologia, sendo, por isso, mais facilmente “escaláveis” (ver definição acima). A expressão *startup* é formada pelas palavras inglesas *start* (iniciar) e *up* (subir), o que sugere que essa empresa tem grande potencial de crescimento, sem aumentar as despesas de forma proporcional. A Área Metropolitana de Lisboa conta atualmente com 908 *startups* que geraram 9967 postos de trabalho (segundo dados da Made of Lisboa – ver caixa).

UNICÓRNIO é o nome que se dá às *startups* (ver definição acima) que atingem rapidamente o valor de mil milhões de dólares no mercado sem cotação em bolsa. O caso mais conhecido de uma *startup* unicórnio é o Facebook. Mas Portugal, em proporção, também é pródigo em empresas-unicórnio. A Farfetch, a OutSystems, ou a Talkdesk são unicórnios com ADN portugueses.

VENTURE CAPITAL (VC) significa capital de risco. É um investimento feito em projetos sobre os quais não há a certeza de lucro significativo. Designa também o investimento feito em pequenas e médias empresas para crescerem, conquistarem novos mercados ou darem um salto tecnológico. Quem investe recebe depois uma percentagem nos ganhos que resultaram do seu investimento. SP ☹

MAS AFINAL O QUE SÃO CIDADES INTELIGENTES?

Muitas vezes dizemos de alguém que é uma pessoa inteligente. Mas como é que sabemos se uma cidade é mais ou menos inteligente?



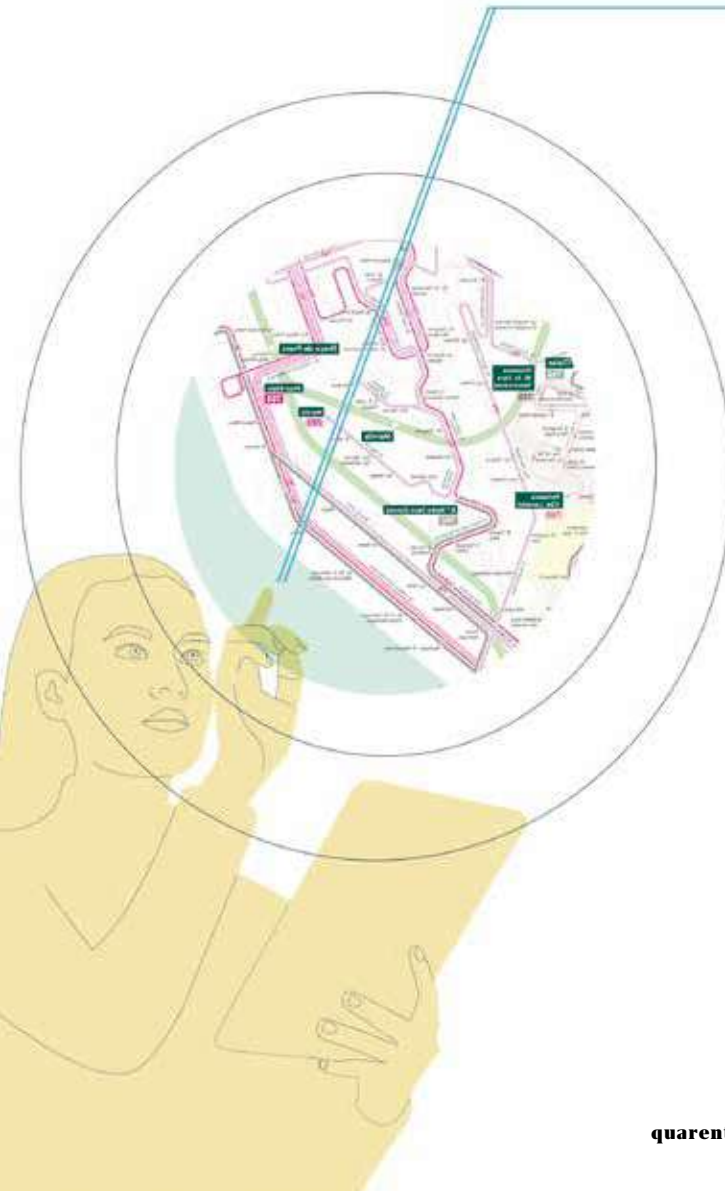


TEXTO
SUSANA PINA

ILUSTRAÇÕES
TERESA FERNANDES



Se ouvir dizer
que uma árvore
está ligada à Internet,
não estranhe.
Uma rede de sensores
numa área florestal
pode ajudar a
prevenir incêndios.



Imagine que está num cruzamento parado num semáforo. Há vários minutos que não passam carros nas outras direções. E o seu sinal continua vermelho. Talvez possa concluir que o sistema semafórico dessa cidade não é lá muito inteligente. Agora imagine que aconteceu um acidente numa rua por onde iria passar a caminho do trabalho, e vê sinais luminosos a indicar o sucedido e a sugerir percursos alternativos. Talvez pensasse que esta informação em tempo real lhe facilita a vida e que a cidade se comporta de forma inteligente. Mais um exemplo: anda à procura de uma bicicleta elétrica e uma aplicação, a Lisboa 24, desenvolvida pelo município, diz-lhe onde a encontrar nas imediações. Os exemplos podem multiplicar-se e todos têm como objetivo melhorar a qualidade de vida dos cidadãos; otimizar o tempo e os meios de resposta aos problemas (como seja detetar e resolver uma inundação ou localizar rapidamente uma fuga na rede de gás); diminuir a pegada ambiental: regar um jardim apenas quando é necessário (em função das condições meteorológicas, da humidade da terra e do tipo de vegetação); restringir o tráfego rodoviário em função dos níveis de poluição; despejar os contentores subterrâneos de lixo apenas quando estão cheios... E todas estas decisões são tomadas com base na informação transmitida por sensores, localizados em sítios estratégicos e programados para cada função.

Em suma: quanto mais dados estiverem integrados num sistema de gestão, mais inteligente pode ser a cidade. E as possibilidades são quase infinitas. Ter dados permite agir em tempo real, mas também permite conhecer o “pulsar” da cidade, aprendendo com a informação do passado, para prever o futuro e atalhar problemas.

O conceito de “cidade inteligente” não se esgota, por isso, na sofisticação tecnológica ao serviço da recolha e tratamento da informação. O objetivo final é que essa tecnologia – aplicada, entre outras áreas, aos transportes, energia, logística ou mobilidade – possa ajudar serviços públicos, empresas, *startups* e comunidades de cidadãos a encontrarem soluções inovadoras. O planeamento e gestão urbana, a iniciativa empresarial e os projetos de cidadania baseados em soluções tecnológicas de vanguarda devem contribuir para a qualidade de vida e sustentabilidade ambiental. É esse o propósito último das “cidades inteligentes”.

A internet das coisas: máquinas que “falam” com máquinas

Para uma cidade ser inteligente é necessário que máquinas consigam comunicar com máquinas. Ou seja, que o máximo de “coisas” estejam ligadas entre si gerando uma resposta adequada a cada situação. A esta ferramenta chama-se Internet das Coisas, que tem sigla derivada do inglês: IoT (*Internet of Things*).

Como se ligam “coisas” à Internet? Através de sensores localizados nas “coisas”. Podemos não nos aperceber, mas os nossos carros, elevadores, frigoríficos, e outros eletrodomésticos que usamos no dia a dia já têm sensores incorporados, seja para regular temperaturas, para alertar o desgaste de materiais ou medir a distância a que estão os obstáculos.

Há também câmaras capazes de transformar imagens em dados digitais, como por exemplo, o número de pessoas que aguarda pela chegada de um transporte público. Essa informação é “canalizada” para um dispositivo (que pode ser uma aplicação num *smartphone* ou uma plataforma digital), ajudando a tomada de decisão. Os dados obtidos podem ainda ser “canalizados” para outras máquinas que decidem “sozinhas”. São máquinas a “falar” com máquinas. O que até já nos é familiar: quando um sensor de fumo deteta determinados gases, faz acionar aspersores de água para combater o incêndio. E se ouvir dizer que uma árvore está ligada à Internet, não estranhe. Significa “apenas” que tem um sensor que pode medir a sua humidade, temperatura e outros parâmetros que indicam

o seu estado vegetativo. Uma rede de sensores numa área florestal, por exemplo, pode detetar uma quebra nos níveis de humidade e o aumento da temperatura, fatores de risco para a ocorrência de incêndios, permitindo calcular a probabilidade da sua ocorrência. Essa rede de sensores também pode estar preparada para identificar a presença de carbono e dióxido de carbono libertados pelo fogo. Os sensores IoT (*Internet of Things*) enviam os dados para um sistema de processamento em tempo real, que por sua vez emite alertas, facilitando a localização precisa do foco de incêndio e o combate na sua fase inicial.

A informação, quando existe, é de todos

Se pensarmos em toda a informação que é coligida e tratada pelos organismos públicos, nomeadamente pela autarquia de Lisboa, rapidamente se conclui que se trata de um bem precioso que deve estar ao serviço de todos. O manancial de dados abrange várias áreas, da habitação à cultura, dos equipamentos ao ambiente, da proteção civil à segurança pública, da economia à mobilidade... Informação que pode servir vários propósitos. Um exemplo simples: uma rua irá fechar ao trânsito porque vai para obras; a autarquia detém essa informação e divulga-a sob a forma de dados abertos; essa informação pode ser integrada numa aplicação digital concebida por uma empresa privada para a gestão de frotas. E de forma gratuita. É o serviço público a devolver valor à sociedade e a potencializar a utilização da informação disponível. E se o utilizador for um agente turístico? Porque não aproveitar dados históricos e toponímicos municipais para integrar no seu *site* e valorizar a oferta? Imaginando, por último, uma empresa de engenharia ambiental que está a trabalhar num projeto inovador de melhoria da qualidade do ar: procurará as monitorizações da autarquia, que estão disponíveis em cartografia, em dados acumulados e em informação difundida em tempo real.

Chama-se a isto uma política de dados abertos. E é obrigatória para todos os órgãos da administração pública, que, segundo a lei, têm de divulgar ativamente a informação – matéria-prima do conhecimento e da inovação. ●

LISBOA ESTÁ PREPARADA PARA SER INTELIGENTE

A Câmara de Lisboa tem tecnologia para fornecer informação de qualidade, tanto aquela que se refere a um dado período de tempo, atualizada periodicamente (a chamada informação “estática”), como aquela que se obtém em tempo real (a informação “dinâmica”).

UMA PLATAFORMA ONDE “DESAGUA” A INFORMAÇÃO

A autarquia integra esse grande volume de dados na Plataforma de Gestão Inteligente de Lisboa. Hoje, essa plataforma tem mais de 1,4 biliões de registos e todos os dias recebe mais de 2,5 milhões. Além de vários serviços autárquicos, a plataforma de Lisboa também conta com parceiros externos que contribuem com informação, entre os quais o Instituto Português do Mar e da Atmosfera, a EPAL, a Agência Portuguesa do Ambiente e a Waze. Uma das funcionalidades mais relevantes de uma plataforma de gestão inteligente da cidade é permitir a antecipação de problemas, ou seja, pode-se calcular a probabilidade de ocorrência de um determinado fenómeno (ou a conjugação crítica de um conjunto de fenómenos).

Com esta funcionalidade é mais fácil adequar as soluções e acelerar a decisão. Por exemplo, a decisão de evacuar certas ruas durante um incêndio, considerando, entre outros fatores, os gases libertados, as características urbanísticas e construtivas circundantes e a direção dos ventos.

PARTILHA E TRANSPARÊNCIA

Muitos dos dados recolhidos estão publicamente acessíveis no portal Lisboa Aberta (lisboaaberta.cm-lisboa.pt). Elementos como a qualidade do ar (gases e partículas em suspensão), presença de benzeno, nível de ruído, humidade, vento, precipitação, radiação global, radiação violeta e tráfego já estão a ser monitorizados através de 80 estações, com 658 sensores, espalhadas pela cidade. Esta cobertura complementa a monitorização efetuada pela rede de estações fixas da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo e das estações meteorológicas do Instituto Português do Mar e da Atmosfera. A partir do “histórico” das monitorizações, pode fazer-se um planeamento preventivo das situações de risco; e, a partir da informação em

tempo real, atuar rapidamente. Os dados ambientais estão também organizados num mapa interativo da cidade, onde qualquer cidadão pode consultar, por exemplo, a qualidade do ar do seu bairro, do local onde trabalha ou das imediações da escola dos filhos.

Além destes parâmetros ambientais, o portal *Lisboa Aberta* agrega outros conjuntos de dados (atualmente, 359, provenientes de 19 organizações), cobrindo diversas áreas temáticas. Aqui, cidadãos, empresas, investigadores e programadores, e também os vários serviços de planeamento e gestão municipal, podem encontrar material de acordo com as suas necessidades.

UMA REDE DE COMUNICAÇÃO QUE POUPA ENERGIA AOS LISBOETAS

Para que a comunicação entre dispositivos IoT (Internet das Coisas) seja possível, é necessária energia. Tomemos como exemplo a existência de sensores na via pública para contabilizar pessoas, viaturas e bicicletas: não é difícil imaginar que ligar centenas de sensores à rede elétrica seria impraticável;

e a utilização de baterias, com o seu tempo curto, implicaria constantes substituições e recargas. Para suprir essas limitações, a autarquia disponibiliza uma rede LoRa (Long Range). Esta rede é uma tecnologia de radiofrequência que, através de antenas, permite a transmissão segura de dados a longa distância e com baixo consumo de energia. Nos serviços municipais vai aplicar-se à monitorização ambiental (ruído, qualidade do ar e da água), rega inteligente de espaços verdes, recolha de dados meteorológicos, controlo da iluminação e de ocupação de lugares de estacionamento na via pública, e controlo dos níveis de enchimento e temperatura de contentores de resíduos sólidos. Além de servir o município, é uma rede aberta e gratuita, acessível a todos os utilizadores e em toda a cidade. Empresas, *startups*, universidades e particulares podem ligar os seus dispositivos à rede LoRa, obtendo uma poupança significativa nos seus consumos de energia. 🌱

*Colaboração: Centro de Gestão e Inteligência Urbana de Lisboa da Câmara Municipal de Lisboa



No portal Lisboa Aberta, cidadãos, empresas, investigadores e programadores, podem encontrar informação de acordo com as suas necessidades.





*Finalme
re festiu*

O REGRESSO DA EXPERIÊNCIA COLETIVA

Nascida no Brasil, mas a viver em Portugal, Roberta Medina é a produtora e o rosto do Rock in Rio em Lisboa, o maior festival de música do país. Depois de dois anos pandémicos, o festival regressou em força ao Parque da Bela Vista, em Marvila, contando, mais uma vez, com o apoio da autarquia. “Por um mundo melhor” foi o compromisso assumido há 20 anos pela organização, uma visão social e ambiental alinhada com os objetivos da cidade. Este ano, o Rock in Rio veio reforçar este compromisso e abriu os palcos à produção artística e musical que emerge nos bairros lisboetas. Roberta quer tornar este evento cada vez mais acessível, seguro, inclusivo e plural. Uma “cidade do rock” que pretende ser um modelo para as cidades do futuro.



ENTREVISTA POR
DAVID MONTEIRO

FOTOS DE
CARLOS MORAIS DA SILVA

ente,
ual

Entrevista

LISBOA Depois de 37 anos de Rock n Rio [RiR], 18 em Lisboa, a que soube este regresso?

ROBERTA MEDINA Soube a “finalmente”! São tantos sentimentos misturados. O Roberto [fundador] teve uma frase ótima: “normalmente as pessoas entram correndo na cidade do rock, agora entram voando”. Existe uma vontade sem fim de estar junto. Mostra como a cultura e o entretenimento são fundamentais para o equilíbrio da nossa sociedade, o ser humano precisa de ter aqueles momentos em que alimenta a alma e cria esperança no futuro. A missão do Rock in Rio é essa. O RiR é o único grande evento que a gente teve este ano para juntar multidões, e soube bem como nunca cantar junto, poder vibrar com essa energia boa, estar num espaço de liberdade, acolher a diversidade com respeito... Acho que estávamos precisando disso.

LISBOA O que é que nos ensinou a pandemia num mundo de negócios em que o fator diferencial é a experiência? “A vida é ao vivo”?

ROBERTA MEDINA A pandemia valorizou tudo o que é ao vivo, sem dúvida nenhuma. Mas trouxe desafios que precisam agora de ser enfrentados: a instabilidade da indústria, o hábito do consumo digital, as pessoas não pagarem pelo consumo de cultura.... Mas agora é a hora de celebrar o reencontro! O que se protegeu na cultura é o reflexo da valorização da população: se a população valoriza, os governos reagem a isso. Também acho que trouxe muitas oportunidades: no acelerar do uso de tecnologias, que já estavam disponíveis, mas não olhávamos para elas porque não eram a prioridade. Hoje é possível experimentar o entretenimento de formas diferenciadas; e mais, ampliar uma coisa que o RiR faz desde a sua primeira edição: transmitir o evento para o país inteiro e internacionalmente. Já não é possível fazer um evento focado no evento em si, isso, não faz sentido, não tem porque você não envolver quem está de fora. E as salas de espetáculo, nesse aspeto, cresceram. Não substitui minimamente a experiência ao vivo, mas incrementa. Quem quer aceder ao RiR pode vivê-lo de outra forma, assistindo em casa, ou na Internet ou na televisão ou na rádio, de uma forma diferenciada. E para as marcas, se virem uma grande oportunidade

para impactar, não só quem está no recinto mas quem está em casa também, é valor acrescentado.

LISBOA Que desafios trouxe esta edição, com um mercado que ficou fragilizado do ponto de vista de produção, de técnicos, de equipas, que, entretanto, seguiram outros caminhos?

ROBERTA MEDINA O maior desafio desta edição foi de facto, a cadeia produtiva. Noutros tempos, se a gente inventasse uma coisa hoje, amanhã estava fazendo e tinha fornecedores e equipas para fazer. Então, o que a gente fez foi antecipar imenso o planeamento e contratação de fornecedores, para que eles tivessem tempo suficiente para garantir a matéria-prima, a mão de obra, e terem a certeza de que conseguiam cumprir. Antecipou o nosso trabalho, antecipou tudo o que é montagens e produção, não necessariamente na cidade do rock, mas fora. E pensar que nada nem ninguém fosse sucumbir no processo.... era arriscado. Acreceu ainda um cuidado redobrado com as pessoas. Achar que porque a máscara caiu, está tudo bem, não está.

"A pandemia valorizou tudo o que é ao vivo."

LISBOA É um compromisso do Rock in Rio, enquanto empresa, enquanto equipa: valorizar uma classe que foi incansável e resiliente durante a pandemia...

ROBERTA MEDINA Sem dúvida, e não só, acho que o RiR, desde a sua criação, tem um princípio muito forte que é o respeito pelo seu consumidor. E consumidor aqui é o cliente, e o cliente aqui é o patrocinador, o fornecedor, a equipa, os jornalistas, os artistas, tudo o que faz, e dos quais o RiR depende.

Nós fazemos o planeamento, engajamos no sonho, somos maestros, mas só acontece com 378 empresas trabalhando para fazer o RiR acontecer. Cada pecinha destas é essencial. Se as pecinhas vacilarem, a gente vacila.

Entrevista



Entrevista

LISBOA *Houve mudanças na forma como o Brasil vê Portugal?*

ROBERTA MEDINA A gente no Brasil tinha uma ideia desatualizada. Hoje os brasileiros já têm um desejo muito grande de fazer parte desta cidade. E hoje vem uma outra classe social que não vem em busca de sobrevivência e sustento; mas vem em busca de qualidade de vida, qualidade do clima, pela oferta cultural, pela oferta económica. O 11 de setembro [de 2001] em Nova Iorque, fez uma diferença grande. Na minha opinião, os Estados Unidos eram a nossa referência, e a partir do momento em que deixam de ser um local tão seguro, a Europa entra no mapa dos brasileiros. O mundo cresceu para o Brasil

ROBERTA MEDINA Acho que a gente veio convergindo cada vez mais. Primeiro, tivemos um encontro muito positivo com Lisboa. Foi a cidade que mais rápido acolheu o festival. Mesmo mudando os representantes ao longo dos tempos, cada nova liderança que chega tem algo novo para agregar, e as coisas vão-se sofisticando. Trazer investimentos para Chelas, Marvila, foram decisões super relevantes para aquilo em que o RiR acredita. Eu acho que hoje Lisboa joga, de facto, a favor do Rock In Rio, coisa que não aconteceu na primeira edição. Na atração turística, o RiR traz valor para Lisboa, mas Lisboa traz valor para o RiR. Tem

"O Rock in Rio traz valor para Lisboa, mas Lisboa também trás valor para o Rock in Rio."

depois disso. Culturalmente, na área da música, essa proximidade do Brasil a Lisboa sempre foi mais fácil; de Lisboa para o Brasil, acho que ainda há muito para fazer.

Agora vemos uma coisa interessante acontecendo, e Lisboa é reflexo disso: as novas gerações são mais positivas em relação ao futuro, mais donas do seu futuro; menos lamentação e apego ao passado. É isso que a gente tem de estimular.

LISBOA *Hoje, a visão para a cidade e os pressupostos do RiR parecem casar perfeitamente. Tem essa percepção?*

também todo um olhar de sustentabilidade, que Lisboa vem abraçando nos últimos tempos e que está acelerando cada vez mais, e este é um princípio que o Rock in Rio vem trabalhando há muitos anos. O primeiro cliente de um grande evento é a cidade. A cidade precisa de estar bem, o evento não pode ser um incómodo na vida da cidade, ele tem de trazer uma série de benefícios. Não só com o impacto económico ou a promoção nacional ou internacional que ele faz, mas através da mobilização das várias cadeias produtivas locais.

LISBOA *Reconhece Lisboa como uma plataforma cultural e artística para o mundo, particularmente para a Europa. A internacionalização é hoje uma nova prioridade do RiR ou neste momento não é o caminho?*

ROBERTA MEDINA O Festival já é internacional. O RiR, nesse momento, não está preocupado com a expansão (mas não é um tema unânime dentro da organização). Desenvolver um outro modelo é muito pesado para a organização, quando ela tem de sair e abrir um novo mercado. Então, estamos muito mais empenhados em potenciar os mercados onde já estamos. O Brasil é, sem dúvida nenhuma, um território onde a gente vai trabalhar mais, com olhar de crescimento. Lançamos um novo festival em São Paulo, da dimensão do Rock In Rio, sem ser o RiR. Para fora, além de Lisboa, não é esse o foco neste momento. Eu acho que temos de olhar para o país [Portugal] pelo potencial de turismo. Sabendo que temos massa crítica pequena, menos população que outros países, economia de menor escala, mas a gente traz o mundo para dentro. É só assim que a gente consegue crescer, esse é o nosso talento. E não pode ser apenas no verão! Temos todas as infraestruturas. Temos um bom povo, acolhedor, com capacidade de comunicação com o turista, pessoas abertas a quem vem de fora, tem hotéis incríveis, toda a infraestrutura turística, rede aérea, gastronomia incrível, tem história, tem tudo! Agora, o que faz o turista voltar é a programação. Comunicar com permanência, constância, para que as pessoas compreendam que em qualquer momento “que você venha para cá” tem coisas incríveis para fazer.

LISBOA *Portanto, Lisboa continua a ser um porto seguro para este projeto?*

ROBERTA MEDINA Sem dúvida. Lisboa mora no coração, não é? A gente quer ficar para sempre!

LISBOA *Alinhado com os propósitos da cidade temos a sustentabilidade, inovação, neutralidade carbónica, mitigação das alterações climáticas, que são também compromissos do RiR. Como é que se concretizaram nesta edição?*

ROBERTA MEDINA O compromisso “carbono zero” começou há 15 anos, desde a edição de 2006. O RiR já é lixo zero, não vai nenhum resíduo

"As 378 empresas que trabalham no Rock in Rio têm formação na área dos resíduos, para garantir que são bem tratados."

para aterro. O que ainda temos como objetivo é reduzir a quantidade que vai para incineração – para produção de energia – e queremos aumentar a separação. Muitos dos resíduos que a gente não consegue trabalhar e separar bem estão no público. O copo já foi uma iniciativa importante, em 2018, um copo reutilizável e colecionável. Aumentámos muito os bebedouros para que as pessoas possam, com os seus copos, reabastecer e evitar as garrafas de plástico. As garrafas usadas no RiR são feitas de plástico 100% reciclável.

A gente já conseguiu reduzir imenso os consumos de energia, os geradores, por exemplo, há duas edições, eram 57, e agora estamos a trabalhar com cinco. As 378 empresas que trabalham no RiR têm formação na área de resíduos para garantir que os resíduos são bem tratados. O RiR é um evento que quer contribuir também para a sustentabilidade alimentar e para o desperdício zero. A iniciativa chef's Garden [espaços de alimentação no recinto] vai nesse sentido, nomeadamente optando por produtos nacionais e sazonais.

Este ano vamos começar um projeto de formação. Queremos, até 2030, capacitar 100 mil pessoas, entre Brasil e Portugal. São capacitações para algumas dimensões técnicas, mas, acima de tudo, o objetivo é passar valores e uma visão do mundo. É o nosso papel. Fazemos a festa e, de forma leve, com entretenimento, com humor, podemos passar a mensagem de que é importante olhar para certos temas.

LISBOA *Tais como?*

ROBERTA MEDINA Temas como a pluralidade, o que inclui a diversidade de géneros, de gerações, raças, culturas, que somos pessoas mais



interessantes quanto mais diversos. O debate sobre inclusão digital... Essa ferramenta tão incrível que temos nas nossas mãos tem de jogar a nosso favor e não contra. Na inclusão, trazemos também os talentos dos bairros para a programação do Rock, abrir o olhar, divertir. Não estamos a dizer que não tem desafios. Tem muito desafios, mas a cidade não pode estar de costas voltadas para o que está acontecendo de bom nos bairros de habitação municipal. Chelas é 80% Marvila [local do festival], que é uma das maiores freguesias de Lisboa. É muita gente a viver aqui, e como é que podemos acolher e abraçar todos nesse olhar inclusivo? A nossa forma de fazer isso é mostrar os talentos que existem e que saem dos bairros, e olha quanta coisa boa aconteceu! A organização do Rock in Rio também promoveu um diálogo aberto com a comunidade local.

LISBOA *Quando ouvem os moradores desta área de Lisboa sobre a presença do RiR, o que é*

que espera ouvir e o que é que não gosta de ouvir?

ROBERTA MEDINA As críticas são naturais e são bem-vindas. É natural haver pessoas que sabem e aquelas que não sabem ou percebem o que o RiR tem vindo a fazer. Trabalho com isso há 22 anos: colocar as pessoas, as cidades, os governos e as empresas, todo o mundo, conversando sobre o mesmo assunto. Com a atenção que hoje se dá a estes compromissos sociais e ambientais, essa conversa que estamos fazendo hoje talvez não tivesse acontecido há quatro anos. A decisão de realizar um inquérito à população surgiu quando começámos a perceber que talvez mesmo dentro da própria comunidade não houvesse diálogo. Pode ser uma ferramenta que faz a população que vive em Chelas conversar; e a maioria vai decidir o que é fundamental. As decisões públicas passam a ter também alguma orientação, e podemos convidar as empresas a contribuírem para

"Mostrámos os talentos que existem e saem dos bairros de Lisboa, e olha quanta coisa boa aconteceu!"

uma solução desejada. Agora, se a gente não sabe, fica muito desavisado dar opinião. Pode agregar muito a população se a gente escutar. Acho que as iniciativas de participação, como por exemplo, o Conselho de Cidadãos [iniciativa autárquica] dão um olhar amplo, e de dentro, sobre a cidade.

LISBOA *Como descreveria a riqueza, as oportunidades e a tal diversidade dos bairros vizinhos do Rock in Rio?*

ROBERTA MEDINA Chelas e Marvila tem mistura de culturas, tem misturas de poder económico. O que vejo é que tem zonas que precisam de ser mais bem cuidadas, mas tenho passado noutras em que a cidade tem investido. É diferente quando há flores na rua, áreas desportivas, ciclovias, parque para as crianças brincarem e atividades para atrair as pessoas... Espaços públicos que convidam as pessoas a conviver e a estarem juntas, gera harmonia, relacionamento.

LISBOA *O Roberto Medina [fundador], quando criou a ideia do Rock In Rio dizia algo como "a música é a arma que temos para conseguirmos chegar a um mundo melhor".*

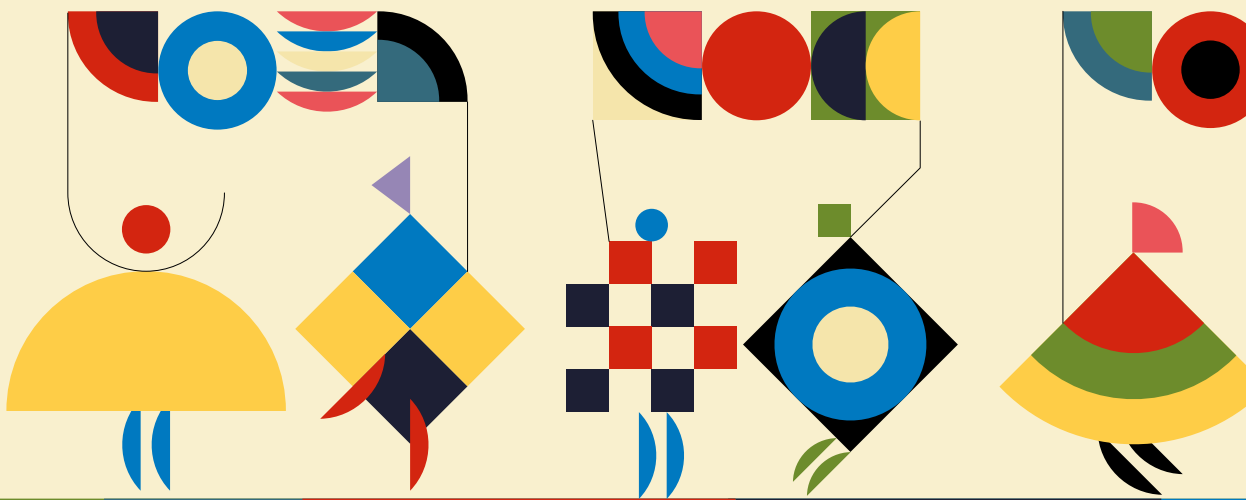
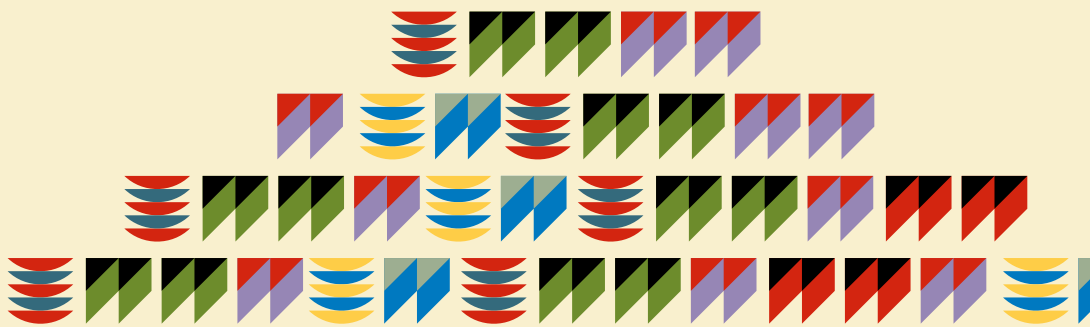
ROBERTA MEDINA A cultura e a música, são uma linguagem universal. Abrem um espaço de conversa onde ninguém precisa de ser mais escolarizado que o outro, melhor ou pior profissional... A gente na música se entende,

fala a mesma língua, seja pelo que se está dizendo, seja por aquilo que sente. Cria elos com pessoas com quem, normalmente, talvez não convivêssemos. Gostar da mesma música faz com que tenhamos algo em comum, aproxima a nossa humanidade e desvaloriza as nossas características externas. E então acredito que sim: a música pode ser um grande elo de aproximação e de criação de novos espaços de encontro na cidade.

LISBOA *Conseguimos fazer um paralelismo entre essa visão da "cidade do rock" e uma cidade inteligente, sustentável, integradora, de futuro, em que todos queremos viver?*

ROBERTA MEDINA Eu acho que sim, acima de tudo porque, de alguma forma, através da música, do entretenimento, com a organização desse grande evento, fazemos uma cidade de 80 mil habitantes, durante quatro dias, funcionar bem. E não funciona bem só aqui dentro. Lisboa funciona bem com os acessos, a segurança, a limpeza. Existe uma coisa que o meu avô dizia, "o seu negócio só vai bem, se a sua cidade estiver bem". Se entendermos dessa forma, percebemos que a função da autarquia é essencial. E se cada indivíduo, cada empresa e cada entidade, que faz parte dessa comunidade chamada Lisboa, tiver um mesmo olhar, mais rápido a gente chega nessa cidade de sonho. 🍷

a regresso



das festas

DOIS ANOS FOI MUITO TEMPO...

As festas da cidade vieram mostrar que Lisboa está cheia de vida. E continua a celebrar a sua história coletiva.



TEXTO
RUI MARTINS

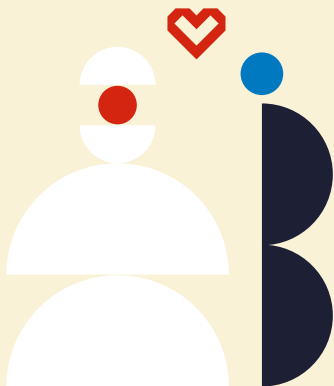
ILUSTRAÇÕES
TERESA
FERNANDES

Dois anos foi muito tempo. Vimos a cidade transformar-se, esvaziar-se. Ruas a ficarem desertas e silenciosas. Vimos tentativas de regresso à vida e novos confinamentos. Entretanto, mudaram-se hábitos, surgiram novos consumos caseiros, comunicações à distância. Fizemos distanciamentos e aprendemos a viver com a incerteza. Lisboa foi mudando.

As Marchas voltaram

Mas as marchas voltaram e este foi um ano de “recomeços”. De início com incerteza e hesitantes, os bairros lançaram mãos à obra e trabalharam tenazmente para deixar tudo a postos para a grande noite na descida da Avenida. Este ano o tema foi “Lisboa cidade de tradições” e foram muitas as tradições evocadas pelos marchantes. A palavra “tradição” vem do latim *traditio* que significa entregar, ensinar, transmitir.

É aquilo que liga o passado ao futuro através da sucessão de entregas. E o retomar das tradições é o que suplanta estes dois anos de interregno. Por isso a novidade deste ano nas Marchas não poderia ser mais simbólica: a abrir o desfile e pela primeira vez, a marcha infantil das Escolas de Lisboa; juntou cerca de 700 crianças de diferentes escolas das freguesias da cidade, que alegremente abriram o cortejo das 23 marchas participantes (contando com as marchas da Voz do Operário, da Santa Casa e dos Mercados).



E pela Avenida também desfilaram os 16 casais que nesse mesmo dia celebraram o seu casamento. Sim, os Casamentos de Santo António também regressaram à cidade. Durante a tarde do dia 12, as ruas da Sé encheram-se para celebrar uma tradição com mais de 60 anos dedicada ao Santo casamenteiro, que se celebra na noite mais longa de Lisboa e que para muitos se confunde com o padroeiro da cidade.

No museu e na rua

A celebração de Santo António de Lisboa veio mais uma vez, acompanhada por um conjunto de iniciativas do Museu de Santo António, que fica ao lado da igreja que lhe é dedicada, aos pés da Sé Catedral de Lisboa. Uma programação variada que incluiu fados, bandas filarmónicas, painel de flores, visitas guiadas, tronos de Santo António, leituras e lançamentos de livros, tudo isto tendo como pano de fundo o acervo único do Museu de Santo António que pode ser visitado a qualquer momento.

O regresso da vida cultural fez-se também na rua. No início de junho a companhia australiana Snuff Puppets encheu largos e jardins de Lisboa com um espetáculo de rua intitulado “Human Body Parts”. Na sequência da construção da maior marioneta do mundo, um gigantesco corpo humano intitulado Everybody, esta companhia chega agora com as partes desse corpo em grande escala — uma mão, uma boca, um pé, um nariz, uma orelha e um olho — que interagem com o público de forma imprevista.

A música derramou-se da Avenida e vem tomando conta da cidade multiplicando-se por

vários espaços. O fado, a canção de Lisboa, subiu ao Castelo na voz de Ricardo Ribeiro acompanhado pelo pianista de jazz João Paulo da Silva, e houve também duetos surpreendentes de Teresinha Ladeiro com Agir e Mimi Froes.

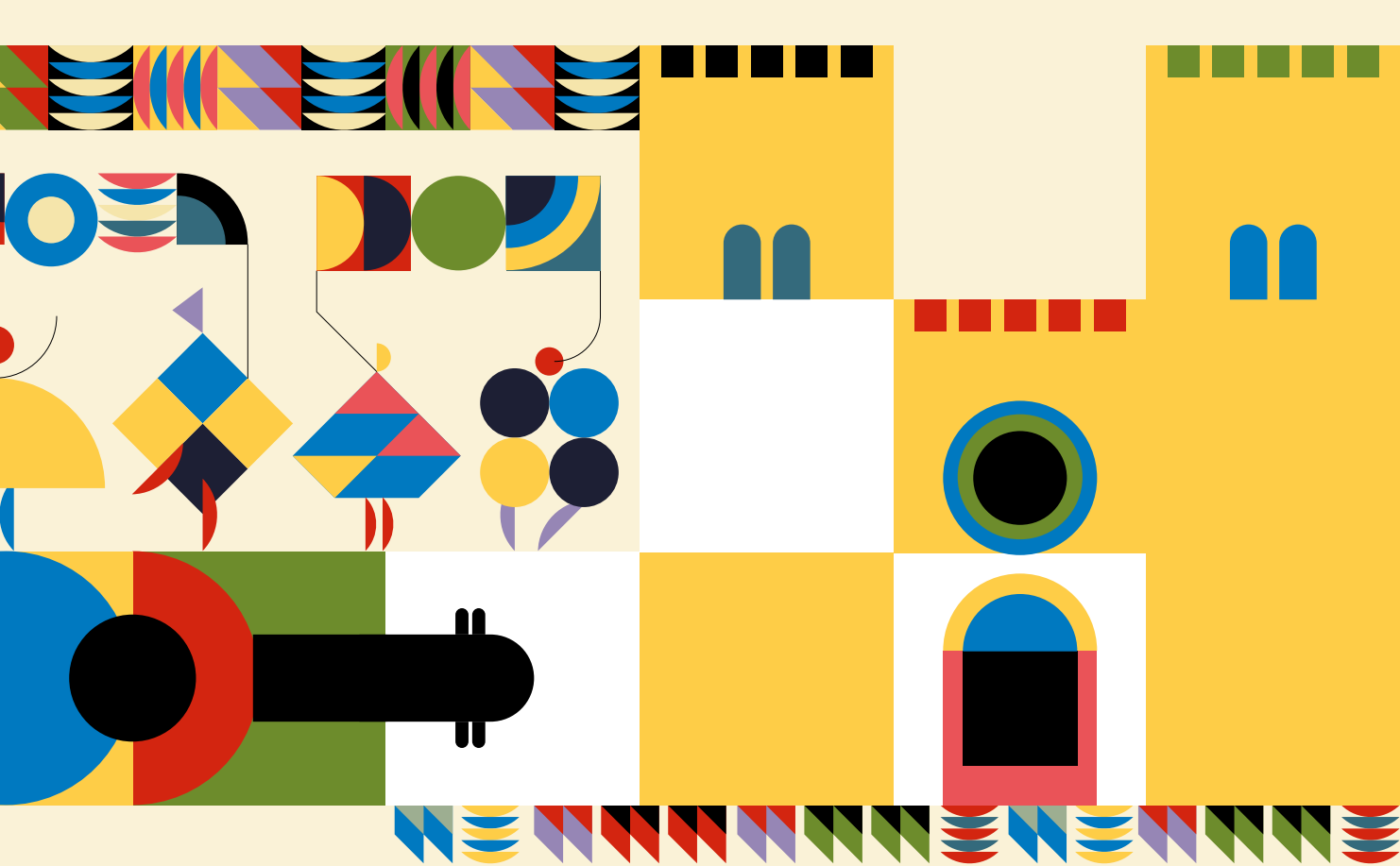
Em Lisboa, todos lisboetas

Assistimos também ao regresso das diferentes iniciativas que marcam o calendário da cidade e dão conta de Lisboa como uma cidade de tolerância, diferença e diversidade. Voltou o Lisboa Mistura, no Palácio Pimenta, a Festa da Diversidade promovida pela Associação SOS Racismo, o Bairro em Festa com iniciativas transversais aos bairros do eixo da Almirante Reis, o Arraial Lisboa Pride no Terreiro do Paço e organizado pela ILGA, e o Cineconchas, cinema ao ar livre gratuito e para todos no Jardim da Quinta das Conchas.

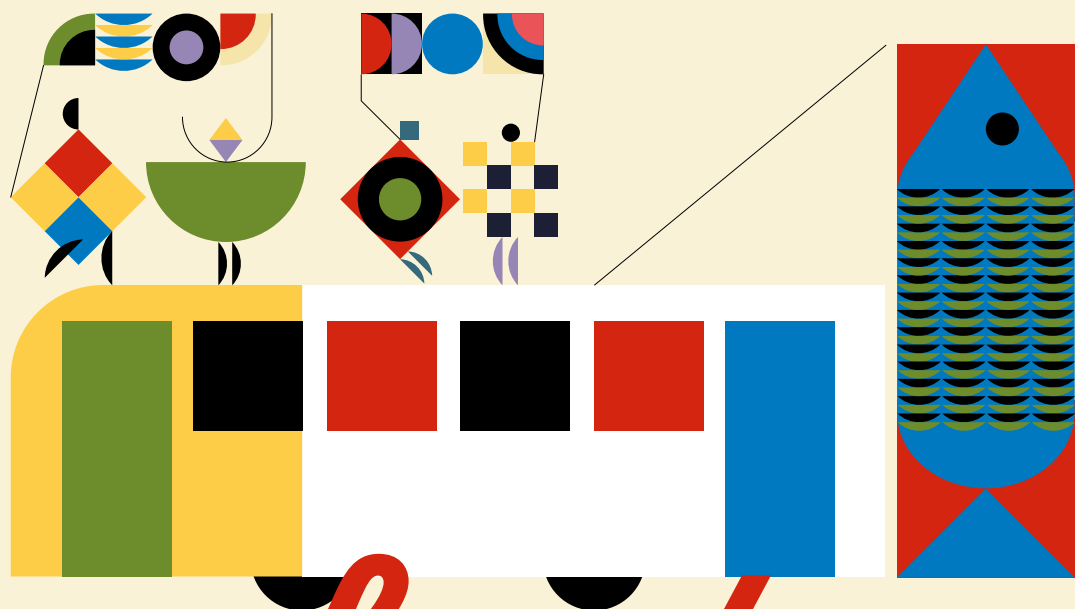
No dia 30 de junho as Festas da Cidade chegaram ao fim com o Concerto de Encerramento na Praça do Comércio contando com as vozes de Anabela, F. F., Katia Guerreiro, Luís Trigacheiro, Lura e Marco Rodrigues em parceria com a Orquestra Metropolitana dirigida pelo maestro Cesário Costa, que revisitaram grandes clássicos do Parque Mayer e canções esquecidas de Amália e de João Villaret.

Faziam falta as festas. Há algo de agregador, de construção identitária na celebração, mas ao mesmo tempo de libertador, vivido em comunidade. As festas causam ruturas e continuidade. Assinalam rituais de passagem, ciclos, mudanças, são os organizadores da experiência, da existência e do calendário, põem-nos em contacto com o tempo das origens, da fundação, o tempo primeiro que explica porque são as coisas, e abrem-se ao futuro, asseguram a continuidade. As primeiras festas vivem-se na infância em família: aniversários, natais, páscoas, férias e derramam-se depois para o mundo, na escola, com os amigos, com a comunidade. Dois anos sem festa foi mesmo muito tempo. 🍷

a regresso



Faziam falta as
festas. Há algo
de agregador,
de construção
identitária na
celebração.



das festas



FOTO
AMÉRICO SIMAS

Marcha da Madragoa
a grande vencedora em 2022





Festas com História



Os vários momentos das Festas de Lisboa inscrevem-se na história da cidade. Uns mais antigos, outros mais recentes, a verdade é que conquistam lisboetas e visitantes de todas as idades, mobilizam as autarquias e as coletividades, integram cerimónias religiosas e tradições pagãs.

TEXT O

**LUÍS MIGUEL
CARNEIRO**

FOTOGRAFIA

**ARQUIVO MUNICIPAL DE
LISBOA – FOTOGRÁFICO**

Marcha da Mouraria
Carole Mary Garton, 1983
AML - FOTOGRÁFICO

Um padroeiro “tomado de empréstimo”

Nas Festas da Cidade, São Vicente, o padroeiro “oficial” de Lisboa, não tem alternativa: tem de deixar Santo António “tomar conta” da cidade.

A procissão com o andor mais querido dos lisboetas remonta, pelo menos, ao século XVI, no dia do seu oráculo (13 de junho), quando foi apadrinhada pela Câmara Municipal e pelas confrarias de louceiros, de quem o santo é patrono. Saía do Convento de S. Francisco da Pedreira (ao Chiado), rumando à Igreja de Santo António, logo abaixo da Sé.

A Igreja de Santo António foi construída cerca de 1509, sobre o local onde é suposto ter nascido o santo, por volta de 1190, e onde já havia tradições de culto desde meados do século XV. Mesmo ao lado ficavam os Paços da Câmara (ou Casa Consistorial da Cidade de Lisboa), aí reunindo o Senado da cidade desde a primeira metade do século XIV. A ligação da autarquia a este local fez com que a nova igreja gozasse da isenção de subordinação aos poderes eclesiásticos locais, ficando diretamente sujeita à Santa Sé.

O terramoto de 1755 (e o incêndio subsequente) destruiu as instalações municipais e boa parte da igreja manuelina. Foi o presidente do Senado da Câmara, Paulo de Carvalho (irmão do Marquês de Pombal), que conduziu os trabalhos de reconstrução da igreja, para o que contou com o contributo de impostos camarários e donativos de muitos lisboetas. Ainda hoje, este templo é o único em Lisboa que é propriedade do município, que mantendo no adjacente prédio pombalino o Museu de Santo António, inaugurado em 1962.

É do adro da nova igreja, concluída entre 1787 e 1812, que o cortejo processional passou a sair. A imagem de Santo António, escoltada por efetivos do Regimento de Sapadores Bombeiros, percorre as ruas das zonas da Sé e de Alfama até às Portas do Sol, incorporando no seu percurso os andores de S. João da Praça, S. Miguel, Santo Estêvão e S. Tiago. É seguida por muitos eclesiásticos, incluindo o prelado e Cábido da Sé, pelo presidente e a vereação da Câmara, pelas confrarias e irmandades de diversas capelas e oráculos, e por uma multidão de povo devoto. Pelo caminho a procissão é saudada por muita gente a emoldurá-la nas janelas, e passa junto a diversos altares improvisados nas soleiras das portas das casas – os Tronos de Santo António.



Armando Seródio, 1960

Um tostãozinho para Santo António

Para ajudar à reconstrução do templo destruído no Terramoto de 1755, concorrendo com os impostos camarários levantados para o efeito, procedeu-se à coleta de donativos particulares e esmolas, recolhidos por mamposteiros e por crianças junto a nichos ou pequenos altares improvisados - os Tronos de Santo António - contra a entrega de uma estampa do milagreiro ou do “pão de Santo António” (de que subsistiu o “bodo aos pobres”, primeiro, e depois a venda dos “pãezinhos de Santo António” à porta da igreja, no dia da procissão).

Esta tradição manteve-se depois, com o peditório da “cera do santo” (para as velas que alumiam os tronos) ou do “tostãozinho para o Santo António”. Embora o costume das crianças a pedir o “tostãozinho” tenha caído em desuso, a autarquia tem promovido, desde 1949, concursos de Tronos de Santo António, com exposições regulares dos trabalhos premiados no Museu de Santo António.

Namoros e arraiais

Na milenar tradição indo-europeia de ritualizar o ciclo agrário anual, o período que vai da floração até às colheitas estivais é particularmente festivo. Depois do interregno expectante que antecede a germinação, carregado de incertezas, o renascimento da flora é acolhido com alívio. Na tradição cristã, é o período de suspensão da Quaresma que culmina na Ressurreição pascal. Umas semanas depois, a floração confirma os augúrios favoráveis e inicia-se o ciclo das festas que, no ocidente europeu, é conhecido por “maias” e que tem a atual tradução religiosa na celebração da Quinta-Feira da Espiga (mantendo

o espaço profano dos piqueniques). Os cerimoniais mágico-religiosos comportavam ritos propiciatórios da fertilidade agrícola e humana, envolvendo o namoro (como as regras para cortejar o sexo oposto), o casamento e a reprodução, comportando igualmente rituais de iniciação juvenil. Este ciclo tem o seu apogeu nas semanas em torno do solstício de verão (21 de junho), com o

e para bailes espontâneos que, considerados “lúbricos”, haveriam depois de ser pretexto para a suspensão da procissão durante muitas décadas, por iniciativa eclesiástica.

A par das celebrações religiosas (Espiga, Corpo de Deus, Santo António, S. João e S. Pedro), a realização nas ruas de arraiais de povo a festejar criou uma dinâmica profana própria, mantendo muitas das características mágico-religiosas dos rituais de fertilidade dos tempos pagãos. Os arraiais em Lisboa estão bem documentados desde os tempos medievais. A comensalidade e os bailes são elementos centrais destas práticas postadas nas ruas e pátios, com a partilha do bodo, do vinho e da sardinha e a reunião dos jovens de ambos os sexos.

Santo António, circunspecto taumaturgo franciscano e doutor da Igreja, revestiu-se em Lisboa (dada a sua ligação à cidade) de atributos populares lendários e “milagreiros”, propiciatórios de namoro, casamento e fertilidade - o “pão do santo”, os “resposos” e pedidos (fórmulas também chamadas “simpatias” ou “sortes”), a manipulação mágica da sua imagem, as quadras e os augúrios.

Nos arraiais, oferecer à amada o manjerico para pôr ao luar, com sugestivos versos em quadra, é prática que vai das “maias” até meados de junho, tanto tempo quanto a planta simboliza o renascimento. As fogueiras junto aos bailaricos, que os pares saltavam de mãos dadas, o queimar da alcachofra ou do alho porro para augurar o namoro, o fogo de artifício e os balões que se queimavam são práticas de origem pagã, que vêm do culto prestado ao sol no período do solstício, propiciatórias da fertilidade sexual. As orvalhadas e os banhos de S. João, conjugando rapazes e raparigas que marchavam até às fontes com os balões alumiados, constituíam momentos de extensão dos arraiais até à madrugada seguinte.

culto do sol que se caracteriza por ritos que manipulam o fogo.

Os antigos ritos pagãos foram gradualmente sendo incorporados pela cristianização, que manteve muitos dos seus elementos na esfera do sagrado, enquanto outros evoluíram no tempo e no espaço profanos – nos cortejos reais, nos jogos de armas medievais, nos folguedos oitocentistas, nos bailes, nas feiras e nas festas populares. O feriado religioso móvel do Dia de Corpo de Deus em Lisboa comportou durante muito tempo (até finais do século XVIII) elementos das duas esferas (o sagrado e o profano): a animada procissão, que reteve aspetos dos cortejos reais (como o desfile de militares e a atuação dos músicos), era pretexto para cortejar as jovens casadoiras que assistiam das janelas

Competições e bairrismo

Originalmente, as “ranchadas” eram práticas locais, parte integrante dos arraiais que se formavam nos largos e pátios nas festas solsticiais. Existem notícias de, após o bailarico do arraial, os pares de eventuais namorados se dirigirem aos fontanários e lavadouros para o noturno “banho santo”, empunhando os arcos com os balões para flamejar e largar, com os músicos locais a marcar o movimento com os tempos fortes de um *allegro maestoso* que, em tempos, se impunha já na

procissão de Corpo de Deus. Já no século XIX, colheram a designação de “marcha ao flambó” (do francês *marche aux flambeaux*, ou seja, das tochas ou, neste caso dos balões alumados). Por esta altura, confluíam no Chafariz da Rua Formosa (depois Rua do Século) as marchas de diversos arraiais do Bairro Alto. Já na República, por iniciativa de coletividades locais, diversas marchas da zona ribeirinha ocidental atuaram conjuntamente no Mercado da Ribeira, sem regularidade anual (não aconteceu de 1916 a 1924) nem projeção fora da zona. Estas tradições surgiram retratadas nos filmes “A Canção de Lisboa (1933, de Cottinelli Telmo) e “O Pátio das Cantigas” (1941, de Francisco Ribeiro, o “Ribeirinho”).

Em 1932, um empresário do Parque Mayer (Artur Campos Ferreira, diretor e administrador da Sociedade Avenida Parque) logrou convencer o diretor do Notícias Ilustrado, então o cineasta José Leitão de Barros (que filmara temas nacionais e populares, como *A Severa*, no ano anterior), e o olisipógrafo Norberto Araújo (influente jornalista do *Diário de Lisboa*) a montar um espetáculo no cinema Capitólio baseado nas marchas populares. A particularidade inovadora desta iniciativa consistiu em ter um caráter competitivo (um júri classificava as marchas), incentivando o “bairrismo” (estava-se na época de consolidação dos fervores clubísticos), e seguir um modelo teatral, com figurinos fantasistas inspirados no folclore rural (os espetáculos de “revista à portuguesa” do Parque Mayer, enquanto indústria cultural de massas, estavam no seu apogeu).

Neste primeiro espetáculo, na véspera de Santo António, participaram apenas três marchas, saindo vencedora a de Campo de Ourique, apresentada pela Academia Filarmónica Verdi, suplantando as do Bairro Alto e do Alto do Pina. O sucesso junto do público a ver as marchas a entrar para o Parque Mayer foi tão grande que na véspera de S. Pedro houve uma *reprise* do espetáculo, já com o apoio da Câmara, desta vez com seis marchas: juntaram-se as de Madragoa, que venceria desta vez, de Alfama e de Alcântara (esta contou entre as jovens marchantes com Amália Rodrigues, que seria futuramente madrinha da marcha em múltiplas edições).

Dois anos depois, em 1934, voltou o espetáculo das marchas, no dia 10 de junho (sob a égide



Carole Mary Garton, 1997

conjunta de Santo António e de Camões), agora com doze bairros representados e integrado no programa municipal das festas, que decorreram de 8 a 13 desse mês, a par de um grande arraial no Terreiro do Paço, com touradas e eventos desportivos. Ganhou Alfama, numa antecipação do seu percurso vencedor, sendo ainda hoje o bairro que conquistou mais primeiros lugares e maior número de presenças no pódio. Logo no ano seguinte, em 1935, quando os ensaios tiveram cobertura radiofónica pela Emissora Nacional, um regulamento municipal incluiu normas sobre figurinos (que deviam conter elementos do costume local, do folclore urbano), número de pares marchantes (24) e de músicos do “cavalinho” (8, entre sopros e percussão), bem como os critérios de avaliação.

Nacionalismo folclórico

O ambiente causado pela Guerra Civil em Espanha levou à suspensão das marchas, que regressaram em 1940, sob o signo das comemorações do duplo centenário da Fundação da Nacionalidade e da Restauração da Independência. Tal como nas duas edições anteriores, imperaram os motivos historicistas ao gosto do nacionalismo salazarista, a par do saudosismo folclórico e fadista. A guerra na Europa levou a nova interrupção, só regressando as marchas em 1947, celebrando a efeméride da conquista de Lisboa.



Fot. Armando Seródio, 195

O tom nacionalista manteve-se nos desfiles de edições seguintes, em 1950, 1952, 1955 e 1958, ano em que voltam a ser suspensas. Depois de anteriormente desfilarem no Parque Mayer, Restauradores, Terreiro do Paço e Avenida da Liberdade, é a esta avenida que volta em definitivo o desfile, em 1963 (com direito, pela primeira vez, a cobertura televisiva), repetindo-se anualmente até 1970. Polémicas sobre a votação neste último concurso fizeram com que voltasse só em 1972 e que apenas houvesse uma única “Grande Marcha”, integrando um par marchante de cada bairro - o mesmo acontecendo em 1973, com o Grande Desfile Popular do Mundo Lusíada. No total, entre 42 anos de Estado Novo, realizaram-se 18 edições das marchas.

Marchas em tempo de democracia

Após a restauração da democracia, uma “Grande Marcha” regressou em 1979 e no ano seguinte o desfile continuou sem competição. Criou-se um “júri de especialistas” para o regresso do concurso, em 1981, e um novo regulamento acabou com a imposição de um figurino, em 1982. Desde 1987 que o grande desfile acontece ininterruptamente, em novos moldes desde 1991, ano da criação do Gabinete das Festas da Cidade. Uma grande exposição

“Trajes das Marchas Populares”, em 1995, atirou o evento para um nível cultural sem precedentes. Entretanto, foram instituídos prémios não só para as melhores marchas (“melhor desfile”) mas também para a composição, a letra, o figurino, a cenografia e a coreografia. Com algumas exceções, o número de marchas do desfile oscila entre 16 e 20, a que se junta a Marcha Infantil da Voz do Operário e, desde há alguns anos, também a dos Mercados.

Além dos pares marchantes (e de um par suplente), cada marcha (organizada por uma coletividade em cada bairro) inclui ainda duas mascotes (crianças), os oito músicos do “cavalinho”, os aguadeiros e o padrinho e a madrinha – pessoas conhecidas do mundo do espetáculo ou da vida social que, com os patrocinadores e os colaboradores artísticos (autores, cenógrafos, ensaiadores), garantem uma colorida diversidade social e um brilho cultural a um evento eminentemente popular que logrou, ao longo da persistência de décadas, alcançar o seu propósito inicial: tornar-se um esteio da tradição.

No início eram as “Noivas”

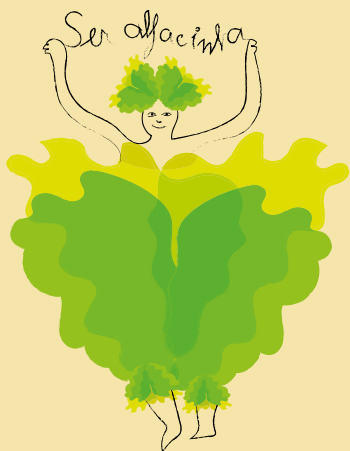
Em 1958 o jornal *Diário Popular* promoveu o primeiro casamento coletivo sob a égide do Santo. A ideia era realizar o “sonho de raparigas pobres, honestas, boas filhas e boas irmãs”. Chamou-lhe “Noivas de Santo António”. Estava-se em plena ditadura e as formulações sexistas e moralistas eram tidas como “naturais”.

No ano de todas as mudanças, em 1974, o paternalismo propagandístico associado ao evento levou ao seu cancelamento, e durante anos ficou guardado na gaveta do esquecimento.

Contudo, em 1997, o então presidente da autarquia, João Soares, decidiu retomar a iniciativa. Na sua nova modalidade, para além dos casamentos católicos (inicialmente retornados à Igreja de Santo António, passando depois para a Sé), os noivos, formando entre 16 e 18 casais, puderam passar a contrair matrimónio no Registo Civil e em templos de outros cultos religiosos. Hoje em dia, os apoios aos noivos têm origem em patrocínios diversos, cabendo ao município cobrir as despesas do copo-de-água e, tal como acontece com as marchas, a empresa municipal EGEAC a sua organização. ●

TEXTO DE RUI MARTINS
ILUSTRAÇÕES TERESA FERNANDES

Manual para pequenos alfacinhas



A propósito das Festas da Cidade, que todos os anos se realizam em junho (exceto nos dois últimos, por causa da malvada pandemia), vamos visitar alguns símbolos e momentos que compõem as festas, para perceberes porque é tão especial ser lisboeta.

As origens das Festas da Cidade são muito antigas e estão associadas ao verão, às colheitas e à abundância, mas também ao amor. Os festejos aconteciam de forma espontânea e improvisada, mas a partir de certa altura, no século passado, a autarquia passou a dar uma ajuda na organização de alguns eventos.

Alfacinhas

Há muitas teorias para explicar porque é que os habitantes de Lisboa são chamados de “alfacinhas”.

Porque havia muitas alfaces plantadas nas encostas das colinas da cidade (já desde o século VIII)?

Porque, no século XIX, os homens lisboetas gostavam de passear com laços ao pescoço semelhantes àquele legume?

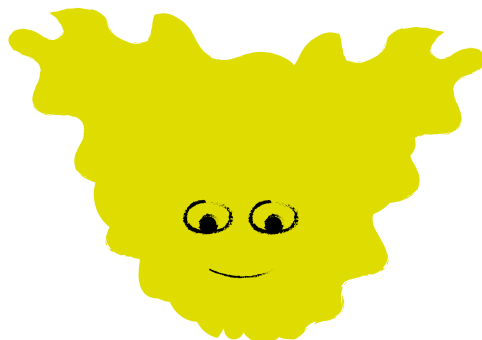
Porque os lisboetas gostam de comer alfaces?

Porque os lisboetas de antigamente não saíam muito da sua cidade, ficando presos à terra como as alfaces?

Porque Almeida Garrett no livro *Viagens na Minha Terra* escreveu: “Pois ficareis alfacinhas para sempre, cuidando que todas as praças deste mundo são como a do Terreiro do Paço”, onde se vendiam alfaces?

Porque os “saloios”, nome com que os lisboetas batizaram os habitantes dos arredores da cidade, lhes terão chamado, como moeda de troca, “alfacinhas”?

Qual é a razão que te parece mais provável? O que é certo é que as alfaces não faltam na mesa de quem come sardinhas nesta altura do ano.





Varina

As varinas eram as vendedoras de peixe na rua. O nome está relacionado com a cidade de Ovar, porque muitas vieram de lá até à capital para trabalhar nas atividades relacionadas com a pesca. Eram as ovarinas, palavra que, com o tempo, ficou só varinas. Quando percorriam as ruas, de canastra – espécie de cesta de vime onde levavam o peixe – à cabeça, anunciavam os seus produtos com vários pregões: “Olhá sardinha linda... é vivinha da costa!”.

Marchantes

As marchas de Lisboa foram criadas em 1932 e representavam cada bairro da cidade, com as suas tradições e identidades próprias. Os participantes vestiam fatos e vestidos alusivos às regiões do país de onde tinham vindo, ou característicos das suas profissões (pescadores, aguadeiros, varinas, etc.).

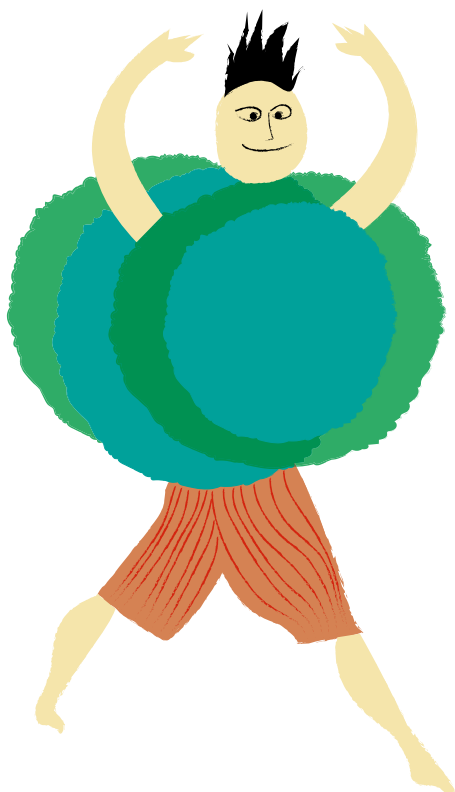
O arco que transportam os marchantes é uma forma de homenagear Santo António, o santo casamenteiro.

Até porque inicialmente as canções falavam de amores e namoros. Têm de ser obrigatoriamente 12 arcos. Cada marcha tem 24 pares de marchantes.

Há ainda quatro aguadeiros, que apoiam os marchantes e fornecem água.

O cavalinho é o conjunto de músicos que acompanham as marchas e tocam instrumentos de sopro e de percussão. A abrir cada marcha seguem os padrinhos (pessoas conhecidas que são convidadas pelos marchantes para representar o seu bairro) e as mascotes – duas crianças que devem vir trajadas como os marchantes.





Manjerico

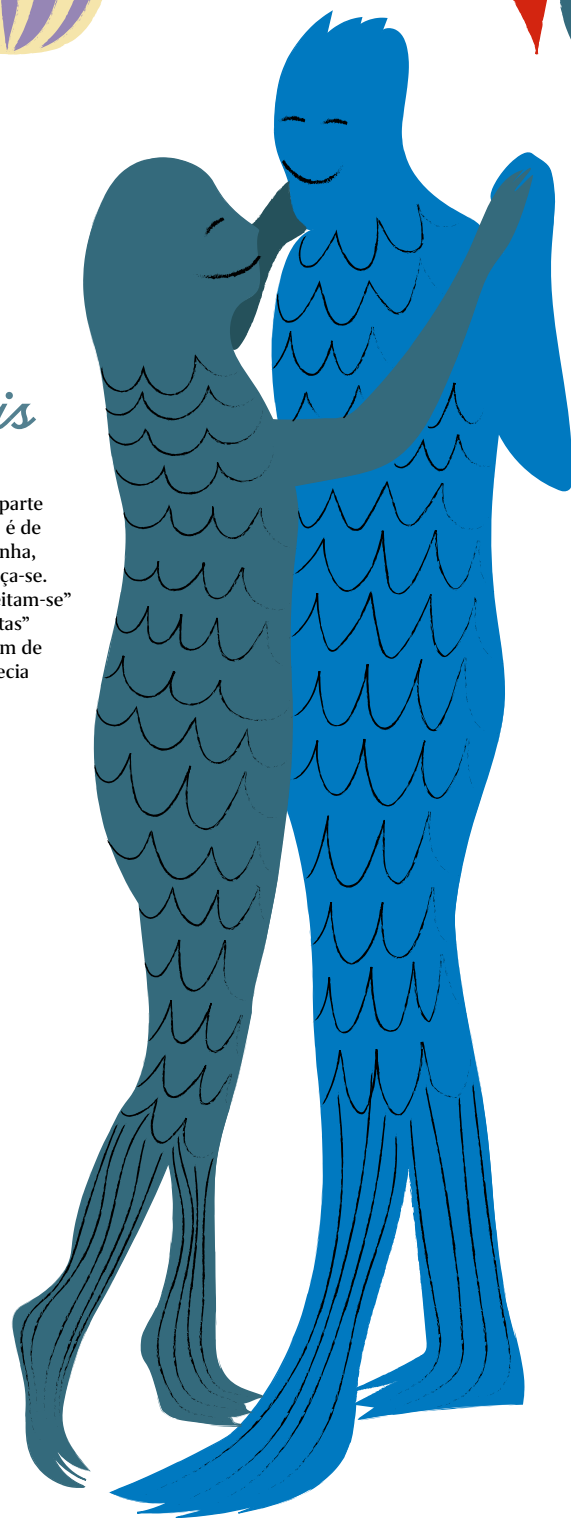
Antigamente os namorados ofereciam às namoradas um pequeno manjerico como promessa de namoro ou de casamento. E também porque cheiravam bem.

Se a namorada tratasse bem do manjerico durante um ano, ia haver casamento de certeza.

É uma planta aromática e ainda por cima tem a propriedade de afastar os insetos. É só regar e pôr ao luar!

Arraiais

Música e dança fazem parte dos arraiais. O espírito é de festa. Come-se a sardinha, ouve-se a música e dança-se. Os bairros de Lisboa “enfeitam-se” e abrem as suas “portas” para acolher os que vêm de fora. Tal como acontecia antigamente.





Santo António

Santo António tornou-se no santo dos namorados, da reconciliação dos casais e das famílias. A ele se atribuem vários milagres.

Nasceu em Lisboa, talvez em 1195, e morreu em Pádua em 1231, por isso em Itália é conhecido como Santo António de Pádua.

Na tradição dos peditórios que se seguiram depois do terramoto de 1755, e graças aos quais se reconstruiu a sua igreja, as crianças passaram a construir pequenos troncos ou altares dedicados ao santo e a pedir “cinco tostões para o Santo António”.



Sé de Lisboa

É a igreja mais antiga de Lisboa e é onde se realiza a cerimónia religiosa dos casamentos.

A Sé começou a ser construída em 1147, num estilo românico, mas foi sofrendo alterações ao longo dos tempos, podendo encontrar-se nela elementos da arquitetura barroca, gótica e neorromânica.



Casamentos de Santo António

Os casamentos “coletivos” de Santo António tiveram início em 1958 numa iniciativa promovida pelo jornal *Diário Popular*.

Pretendia-se assim ajudar os casais com menos recursos económicos a celebrarem o dia do seu casamento com uma grande festa. Havia muitos patrocinadores que ajudavam a rechear a casa dos noivos.

Hoje em dia, os casais candidatam-se a noivos de Santo António sobretudo porque gostam de participar nesta tradição.

Os Casamentos de Santo António não se realizaram entre 1974 e 1997, e entre 2020 e 2022 devido à pandemia de covid.





CONFERÊNCIA DOS OCEANOS

Lisboa foi a cidade escolhida para acolher a Conferência dos Oceanos das Nações Unidas, que decorreu entre os dias 24 de junho e 1 de julho, sob a presidência conjunta de Portugal e do Quênia. Além da Conferência, que teve lugar no Altice Arena, a cidade recebeu alguns eventos associados, como o “Simpósio de Alto Nível sobre Água”. Este evento, de grande relevância mundial, trouxe a Lisboa milhares de participantes: os representantes dos Estados-membros e Nações Unidas e mais de um milhar de representantes de instituições académicas, financeiras, económicas, fundações, organizações não-governamentais, entre outras entidades com interesse no uso sustentável dos recursos oceânicos.

A conferência teve o seu foco na importância decisiva da preservação da integridade dos oceanos e nas potencialidades da economia azul, no quadro das alterações climáticas. Os objetivos ficaram expressos na Declaração de Lisboa.

Recorde-se que os oceanos cobrem aproximadamente 70% do planeta. 🌊

PARTICIPAÇÃO

Os museus que as pessoas pedem



Qual é o poder dos museus? Como podem os museus transformar o mundo? Há muito que os museus deixaram de ser repositórios acrílicos do passado. Hoje, são instituições integradas no seu tempo, participantes nos debates da atualidade, com um papel ativo no desenvolvimento da cidadania; espaços de conhecimento informado e contextualizado, mas dificilmente neutrais, porque nunca é neutral a forma de ver o mundo.

“O Poder dos Museus para transformar o mundo” foi tema de um debate entre gerações nos Paços do Concelho, que integrou o programa de celebração do Dia Internacional dos Museus. Participaram os alunos da Escola Básica dos Coruchéus

e os utentes do Espaço Brioso Alvalade. Crianças e séniores acertaram as suas propostas: “Museu para a Vida Toda”, “Museu do Futuro” e “Museu da Paz”. Agora “só” falta pô-los em prática.

A sessão – organizada pela Câmara Municipal de Lisboa e pelo ICOM Portugal, em colaboração com a EGEAC, através dos Museus de Lisboa e Museu Bordalo Pinheiro – foi moderada pela jornalista Maria João Costa, e teve direito a uma mensagem do Presidente da República.

Conselho de Cidadãos

Cidadãos movidos pelo interesse da cidade, sem agendas partidárias e abertos ao debate construtivo de soluções.

É assim o Conselho de Cidadãos de Lisboa, órgão consultivo do executivo camarário que se compromete a estudar a viabilidade das propostas apresentadas e a pô-las em prática.

Para a primeira sessão deste Conselho, ocorrida em maio, foram selecionados 50 cidadãos maiores de 16 anos entre os previamente inscritos, através de sorteio conduzido por entidades independentes, de modo a garantir a representação do universo da população lisboeta, em idade, género, nível de escolaridade, situação profissional e freguesia.

As medidas para fazer face às alterações climáticas foram o principal tema deste primeiro debate, tendo o Conselho apresentado

uma proposta para reduzir em 80% a entrada de automóveis na cidade até 2048. Nesse sentido, apontou-se o investimento na eficiência do transporte público e na mobilidade sustentável como eixos de atuação prioritários. Mais espaços verdes, mais áreas pedonais, silos de estacionamento automóvel nas entradas na cidade, eficiência energética nos edifícios foram outras medidas recomendadas.

No domínio da habitação, as preocupações foram para a escassez e carestia de habitação, recomendando-se que a autarquia requalifique as casas devolutas para as colocar no mercado habitacional. As propostas apresentadas pelos cidadãos serão agora objeto de avaliação por parte da Câmara, no sentido da sua concretização, processo que será acompanhado por representantes eleitos pelo Conselho em reuniões de trabalho.

As inscrições para os próximos debates (de onde sairão os participantes sorteados) continuam abertas nas Juntas de Freguesia, Lojas Lisboa da CML e online em <https://cidadania.lisboa.pt/participacao/conselho-de-cidadao>s



DIREITOS SOCIAIS

Refugiados ucranianos em Lisboa

A cidade abriu-se e preparou-se para acolher refugiados ucranianos. O Centro de Acolhimento de Emergência (CAE), coordenado pelo Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa, atendeu em três meses (março, abril e maio) 2339 refugiados ucranianos. Destes, 549 são agregados familiares e 735 são pessoas que chegaram sozinhas. A maioria foram mulheres, havendo 569 menores de 16 anos.

Naquele período, o CAE proporcionou alojamento temporário



imediato, quer nas suas próprias instalações, quer em unidades hoteleiras. A média de dias de permanência no centro de acolhimento variou entre os três e os sete dias.

Além do alojamento imediato e o apoio à integração, o Centro de Acolhimento de Emergência encaminhou 2242 refugiados para soluções de alojamento intermédio (institucional e particular), forneceu 15 626 refeições e providenciou 395 viagens em transportes, através das corporações de bombeiros voluntários. Este serviço municipal também conduziu 148 pessoas para os cuidados de saúde. Quanto aos animais domésticos, que os ucranianos tão bem estimam, houve 322 ações de controlo sanitário e médico-veterinário.

Lojas para Todos

Os bairros não são só habitação. Neste sentido, o programa municipal Loja para Todos cede instalações a associações, fundações, instituições particulares de solidariedade social (IPSS) ou outras entidades que prossigam fins de interesse público e que possam contribuir para projetos de

desenvolvimento local.

Recentemente, o executivo camarário aprovou, por unanimidade, a cedência de oito espaços não habitacionais no âmbito deste programa, em que três são novas entregas e cinco são formalizações de cedência.

Este apoio está enquadrado no Regulamento de Atribuição de Apoios pelo Município de Lisboa, o que permite garantir a equidade das atribuições e a avaliação dos projetos de acordo com as carências identificadas em cada bairro.

O município conta com 1358 espaços não habitacionais, dos quais 1082 já foram concedidos. Dos 276 que restam, 82 estão em processo de atribuição.

Além de alojar instituições que prosseguem fins sociais, culturais, desportivos e recreativos, a autarquia também cede lojas para comércio. Durante o mês de julho prevê-se o lançamento de um concurso para a atribuição de cerca de 30 espaços, de acordo com o levantamento em curso das necessidades dos bairros municipais. Esta medida tem como pressuposto a importância do comércio na vida local



e o seu contributo para uma imagem positiva dos bairros que habitamos.

MOBILIDADE

Cuidado com a velocidade!

O excesso de velocidade é o maior responsável pela sinistralidade rodoviária. Desde junho que funcionam, na cidade, 21 novos radares. Vieram substituir os existentes, já obsoletos, e contam com uma tecnologia mais avançada, que possibilita o controle simultâneo de velocidade em várias vias e em ambos os sentidos. Outra das funcionalidades é a possibilidade de obtenção de dados em tempo real – monitorizados no Centro de Coordenação da Mobilidade do município –, como velocidades médias, contagens de veículos, com desagregação por tipologia, ou distância entre veículos para se avaliar congestionamentos de vias.

Entretanto, e de forma gradual, entrarão em funcionamento mais 20 radares em locais definidos a partir da monitorização da sinistralidade. Para mitigar fatores de risco, são priorizadas, entre outras, artérias com inclinação elevada ou com três vias no mesmo sentido. E como o objetivo é dissuadir e não multar, a localização dos radares será sempre do conhecimento público e está disponível em *lisboa.pt*.

Esta rede municipal de controlo do trânsito representa um investimento superior a dois milhões de euros.

Além dos radares, a autarquia vai investir em medidas de acalmia de tráfego, nomeadamente com alterações na infraestrutura viária e reforço dos sistemas de segurança, como a colocação de sinalética de sensibilização rodoviária.

Três anos de Passe Navegante

O Passe Navegante permite aos passageiros dos transportes públicos na Área Metropolitana de Lisboa viajarem em qualquer operador com um único passe pelo valor máximo de 40 euros.

A sua criação representou a maior alteração tarifária

desde a instituição do Passe Social (1977) e constitui um sistema tarifário mais justo para a circulação em toda a área metropolitana de Lisboa, e em todos os meios de transporte público, do barco ao comboio, do autocarro ao metro. Mais justo porque a distância entre local de trabalho e residência deixou de ser duplamente onerosa (em tempo e dinheiro).

E, não menos importante, representou um passo significativo para a diminuição das emissões poluentes, com a desejada transferência de utilizadores do transporte individual para o transporte coletivo.

Bicicletas continuam a girar

Há mais quatro estações na rede de bicicletas partilhadas Gira.

As novas estações, com um total de 101 docas, estão localizadas no Amoreiras Shopping Center (freguesia de Campo de Ourique), na rua Castilho / rua Marquês da Fronteira (freguesia das Avenidas Novas), no Palácio da Justiça (freguesia de Campolide) e na avenida Engenheiro Duarte Pacheco (freguesia de Santo António).

A cidade passa a ter agora 123 estações



Gira, num total de 2373 docas e 1173 bicicletas em circulação.

HABITAÇÃO

Mais casas para realojamento no Bairro da Boavista

Teve início em maio a construção de 50 fogos integrados no plano de realojamento do Bairro da Boavista, em Benfica. Uma obra com um prazo de execução de 22 meses e candidata ao financiamento do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), representando um investimento superior a 6,5 milhões de euros.

As casas, em tipologias evolutivas de T1 a T4, estão preparadas para “crescer com a família”, já que estão desenhadas para se poder acrescentar uma divisória sem aumento da área construída. O projeto enquadra-se no conceito de eco-bairro: inclui pequenos espaços verdes, o reaproveitamento da água das chuvas para rega, eficiência

energética com recurso a soluções de isolamento passivo e aquecimento de águas com recurso a energia solar.

O número atual de famílias a realojar é de 153, estando prevista a construção total de 316 fogos, o que permite que todas as famílias inicialmente residentes na zona das alvenarias, muito degradada, passem a habitar novas casas no mesmo bairro. Entretanto, já em junho, foi colocada a primeira pedra para a construção de mais 70 fogos para realojamento no Bairro Padre Cruz. Na ocasião, foram ainda assinados cinco contratos para reabilitação de 146 fogos dispersos, sob a gestão da Gebalis.

AMBIENTE

Compras sustentáveis na Câmara de Lisboa

A forma como se consome e as escolhas que cada um faz no momento em que compra podem fazer a diferença. O mesmo acontece com as organizações.

No momento em que todos experimentam, à escala global, o impacto das alterações climáticas, cabe às instituições públicas dar o exemplo da

mudança, em prol da sustentabilidade ambiental, social e económica.

As compras públicas são um notável instrumento para essa mudança, pois o seu valor ascende a 16% do PIB da União Europeia. A Câmara Municipal de Lisboa é um dos dez maiores compradores públicos nacionais, tendo por isso uma responsabilidade acrescida para que a satisfação das necessidades do presente não comprometa a satisfação das necessidades das gerações futuras, incrementando uma economia mais circular.

Assim, serão integrados critérios de sustentabilidade em todas as etapas dos processos de compra da autarquia. Por exemplo, para fornecimento de refeições escolares são os critérios de qualidade e sustentabilidade que pesam mais na avaliação das propostas (64%), reforçando a importância dos aspetos sociais (nomeadamente, número de horas de formação para os funcionários da empresa) e ambientais (percentagem de alimentos não processados e de origem certificada,

papel fabricado segundo normas de sustentabilidade, etc.).

Recolha gratuita de eletrodomésticos usados

Começou por ser um projeto piloto em três freguesias e hoje já são 15 freguesias em que é possível aos municípios solicitar por telefone a recolha do seu eletrodoméstico de grandes dimensões. Em casa e sem custos.

De janeiro a abril foram efetuadas 390 recolhas, quase 28 mil quilos de eletrodomésticos, entre frigoríficos, máquinas de lavar e fogões, que não foram abandonados na rua e seguiram para reciclagem.

Este serviço resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal e a associação Electrão. Basta ligar para o número 808 20 32 32, e é agendado um dia para a recolha.

INOVAÇÃO

Casas vazias com solução tecnológica

Há mais de 48 mil casas vazias em Lisboa. A partir deste problema de base, a autarquia e a Startup Lisboa lançaram o desafio: encontrar soluções tecnológicas inovadoras que facilitem a recolocação destas casas no mercado habitacional.

A iniciativa Hackathome, contou com um total de 13 equipas com 59 participantes e decorreu no Hub Criativo do Beato. As equipas tiveram 24 horas para idealizar uma solução com base na tecnologia. Todas as equipas eram compostas por jovens universitários das áreas da tecnologia, gestão, engenharias ou arquitetura. Houve conversas sobre a habitação e os seus desafios, sessões de mentoria e momentos de *networking*, culminando numa apresentação final, a partir da qual o júri selecionou três vencedores.

A equipa JUNIKEK, que idealizou a solução DAOHomes, foi a vencedora da iniciativa. A ideia consiste em ligar proprietários, que listam o seu imóvel devoluto, a potenciais investidores, que aplicam fundos para a reabilitação. Concluídas as obras, a casa pode ser vendida ou arrendada, resultando num retorno financeiro para todos os envolvidos. A ideia surgiu da noção de que existe falta de capital para que os proprietários possam renovar as suas casas, ao mesmo tempo que existem muitos interessados em investir no mercado

imobiliário. A JUNIKEK recebeu um prémio de sete mil euros e poderá ter a oportunidade de desenvolver a sua ideia conjuntamente com a Câmara Municipal.

Em segundo lugar, e com um prémio de dois mil euros, ficou a *home.io*, uma ferramenta de *crowdfunding* [financiamento coletivo] para estimular a reabilitação de casas.

O terceiro lugar, com um prémio no valor de mil euros, foi atribuído à Pic-a-Home, uma aplicação que permite a qualquer pessoa reportar uma casa inabitada em tempo real.

CULTURA

Womex 2022 Músicas do Mundo

Este ano, um dos maiores eventos internacionais das chamadas “músicas do mundo” (*world music*) irá acontecer em Lisboa, entre 19 e 23 de outubro. Além dos concertos, o Womex inclui a exibição de filmes, palestras, apresentações de novos músicos e tendências, sendo um lugar de encontro da comunidade ligada a esta área musical: produtores, promotores de festivais, agentes, instituições governamentais e educacionais, artistas e público. ●

**“Aqui, posso fazer parte
da comunidade científica global e intercultural”**

Erin Tranfield

Foi notícia por ter sido a primeira pessoa em Portugal a captar imagens do vírus do Sars-Cov 2.

Chegou a Lisboa a pensar ficar dois anos, mas já cá está há nove e tem intenções de ficar.

Nascida no Canadá, esta cientista dirige a Unidade de Microscopia Eletrónica do Instituto Gulbenkian de Ciência e é presidente da Sociedade Portuguesa de Microscopia. Deu aulas na China e trabalhou para a NASA, entre outros exemplos colhidos do seu extenso currículo. Na quinta onde cresceu, os cavalos eram companhia durante o dia e, à noite, olhava as estrelas. Estava longe de pensar que não seria o macrocosmos a sua vocação, mas o microcosmos das células, das bactérias, das partículas mais ínfimas.



REVISTA LISBOA (RL) *Como aconteceu vir para Portugal?*

ERIN TRANFIELD (ET) Fui convidada pela Gulbenkian para instalar a Unidade de Microscopia Eletrónica do Instituto Gulbenkian de Ciência, que é hoje uma

das unidades de suporte do seu trabalho científico, dada a minha experiência em imagiologia sobre amostras biológicas. Embora possamos trabalhar com todo o género de amostras e partículas, como as que se

encontram na poluição aérea (e Lisboa tem um problema com o tráfego automóvel), são as amostras biológicas, pelo seu impacto no estudo da saúde e das patologias, a parte mais importante deste trabalho.

RL *Que resultados práticos pode este trabalho oferecer?*

ET Indo ao detalhe das componentes celulares, dos vírus e das bactérias, podemos apoiar cientistas portugueses que estudam o processo de envelhecimento das células, como atuam os vírus (como os da gripe ou do Covid), como parar a resistência antibacteriana, como combater as patologias. Por exemplo, ajudámos a diagnosticar as doenças de um animal no Jardim Zoológico Marinho no ano passado. Já trabalhamos com 20 diferentes instituições portuguesas, sobretudo na área da saúde. Tenho a expectativa de que o nosso trabalho possa ter impacto aqui.

RL *Veio para ficar dois anos e, entretanto, já passaram nove...*

ET Sim. Aconteceu ter tido um acidente, uma queda de cavalo, que me deixou com múltiplas

fraturas na coluna. Acontece que o serviço público de saúde em Portugal é excelente. Passei quase quatro semanas internada no Hospital de São José, onde tive a sorte de ser muito bem tratada por uma maravilhosa equipa de enfermeiros e por um cirurgião de origem etíope. Depois disso, fui tratada durante quatro meses no Centro de Medicina de Reabilitação do Alcoitão, que é uma das grandes referências internacionais nesta área. Agora tenho mais dificuldade em dedicar-me às caminhadas, ao mergulho ou à canoagem como fazia antes do meu acidente, mas descobri que este país tem muito para oferecer: o clima, a história, a arte, a gastronomia ou os vinhos, que são um mundo a explorar.

RL *Como encaixa Lisboa nesses prazeres? Quais as vantagens e desvantagens desta cidade?*

ET Sinto que aqui posso fazer parte de uma comunidade científica global e intercultural, beneficiando das vantagens da vida local ao mesmo tempo que mantenho contactos planetários. É uma cidade relativamente segura, com ótimos restaurantes (que pretendo egoisticamente manter em segredo), com notável atividade cultural e belos museus, como o Museu do Azulejo. O tráfego rodoviário é um problema, tal como a subida do preço da habitação. Existe uma boa qualidade de vida, embora seja necessário mais investimento na ciência para a melhorar. O meu sonho é criar aqui um centro de microscopia que possa apoiar a maravilhosa comunidade científica portuguesa. Quem sabe, talvez com a ajuda do Euromilhões... **LMC** 🍷

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Lisboa
Departamento de Marca e Comunicação

DIRETOR
David José Monteiro

DIRETOR-ADJUNTO
Luís Miguel Carneiro

EDIÇÃO E REVISÃO
Susana Pina

TEXTOS
David José Monteiro, José Manuel Marques, Luís Miguel Carneiro, Paula Cerejeiro, Rui Martins, Sara Inácio, Susana Pina

Colaborou neste número: José Costa Barbosa
(entrevistas-video)

DESIGN, ILUSTRAÇÃO E PAGINAÇÃO
Filipa Palet, João Ferreira, José Carrapatoso, Maria João Pardal, Sandra Lucas, Sónia Henriques, Teresa Fernandes

Lisboa

FOTOGRAFIA
Nuno Correia (editor), Ana Luísa Alvim, Ana Sofia Serra, Américo Simas, Armino Ribeiro, Carlos Morais da Silva, Manuel Rodrigues Levita

RELAÇÕES EXTERNAS E PRODUÇÃO
Paula Cerejeiro

ARQUIVO DCMOM
Ana Cosme

VERSÃO BRAILLE
Gabinete de Referência Cultural — Imprensa Municipal

ESTATUTO EDITORIAL
<http://www.cm-lisboa.pt/publicações-digitais/ultimas>

IMPRESSÃO
Lidergraf — Artes Gráficas, SA

TIRAGEM
300.000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL
341672 / 12
ISSN
2182-5556

INSCRIÇÃO NA ERC
Anotada

PERIODICIDADE
Trimestral

DISTRIBUIÇÃO
Gratuita

EDIÇÃO E REDAÇÃO (SEDE):
Rua Nova do Almada, 53, 1.º, 1200-288 Lisboa
Proprietário: CML — DCMOM / NIPC 500051070

CONTACTOS
revistalisboa@cm-lisboa.pt
Telefone: 218 172 500
Rua Nova do Almada, 53, 1.º, 1200-288 Lisboa.



Lisboa, sabes?

Lisboa, sabes?
Quando de ti falei, julguei-te minha.
Cidade de praças e palavras abertas.
De luzes. Generosa e livre.
Como uma gaivota que alto voa,
sem temer a altura.

Tenho meus, todos os teus sons.
Ah, e a luz do sol nas cores das casas:
das colinas, até ao cais.

Lisboa. És como Pessoa:
múltipla, sem deixares de ser una.
Cidade de rima cruzada no verso,
emocionada na prosa.
Escrita pelas linhas do elétrico,
por *bairro novo, bairro velho, gente boa.*

Lisboa marca.
Pelas memórias, pela saudade, pelo futuro.
Por ser distinta. E ser bairrista.
Beijar o rio que cede ao mar.
Por querer ser de amanhã.
Eternamente menina e moça.
Cidade de Descobertas.

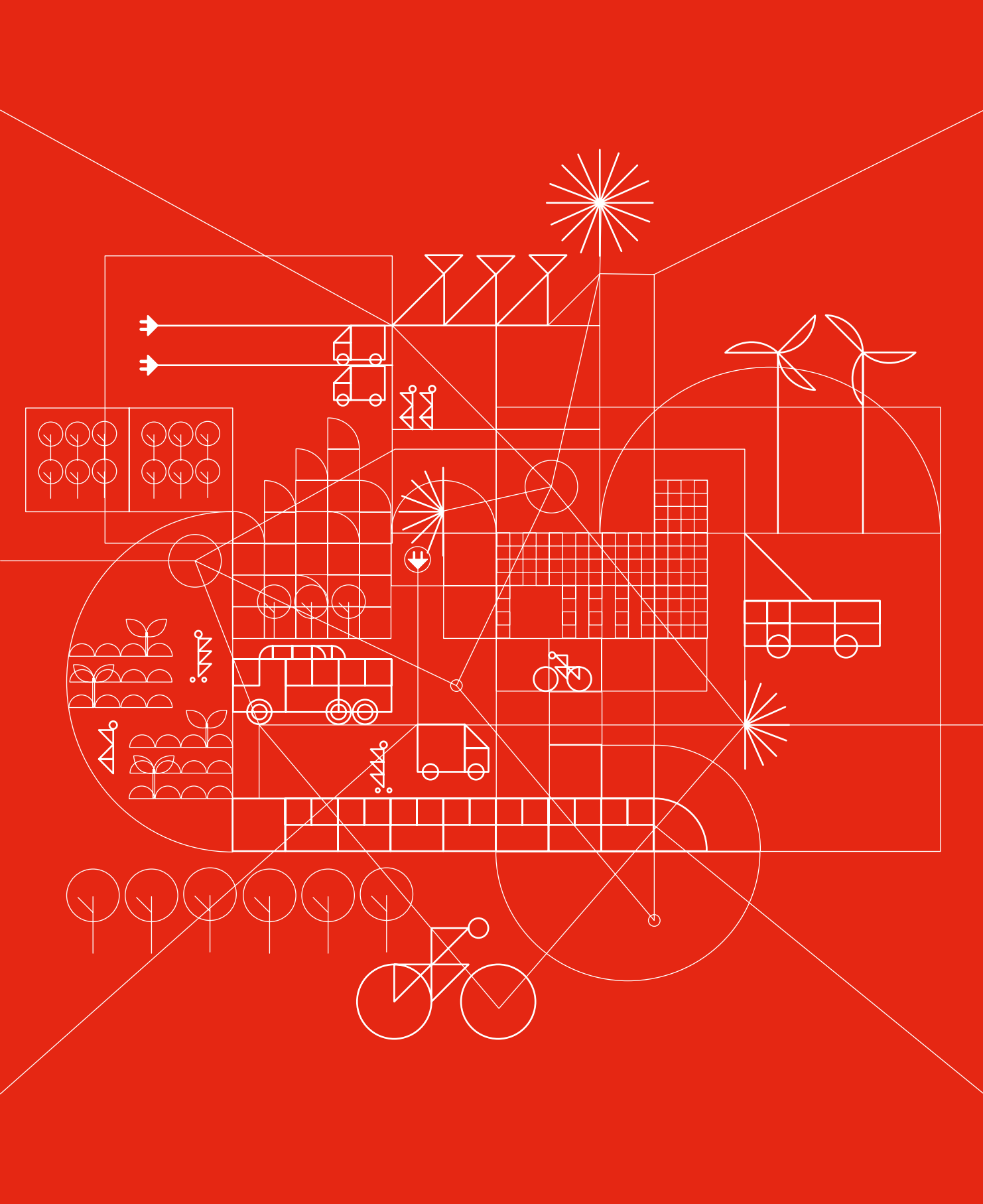
E amar-te... Bom.
Amar-te é querer-te una e singular,
sem deixares de ser múltipla.

Lisboa, sabes?
De tanto te conhecer, julguei-te minha.
E mal sabia que só és assim por seres de
todos.

Ode à cidade de Lisboa, por David José Monteiro

(Com inspiração de Eugénio de Andrade;
Ary dos Santos e Fernando Pessoa;
canções de Amália e Carlos do Carmo)







DA CIDADE PARA OS LISBOETAS

INFOMAIL